

A Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: LEITÃO DE CARVALHO, EURICO DUTRA e DALTRIO FILHO

N.º 104

Rio de Janeiro, Março de 1922

Anno IX

PARTE EDITORIAL

As manobras no Sul

ACABAM de realizar-se, e certamente com exito, as manobras militares no Rio Grande do Sul, ás quaes a Missão Franceza prestou o valioso concurso de sua assistencia e de seus conselhos na organização do programma.

As manobras, por maiores que sejam os contratempos que surjam, constituem sempre um manancial precioso de ensinamentos para todos aquelles que as assistem, pois que, no caso real da guerra, os factos sempre se apresentam de uma fórmula mais

ou menos desordenada, sendo por isso util que os chefes adquiram a precisa capacidade de decisão em situações imprecisas.

As manobras do sul foram assistidas pelo Sr. ministro da guerra e por um selecto nucleo de futuros officiaes do nosso Estado-Maior, aos quaes estará reservado o difficil papel do preparo do Exercito, e tanto um como outros terão visto de modo positivo a fórmula pela qual se desenrolam as differentes operações militares, modernamente exigindo um aparelhamento completo para lograrem exito.

Naturalmente, ficou patente a todos que nem tudo se improvisa.

Será preciso *prevêr*, a tal se reduzindo a obrigação capital de quem quer que seja que tenha uma particula de responsabilidade na segurança nacional.

Apenas será preciso ter bem vivo na memoria que, se na paz a insufficiencia de previsão, leva os homens de Estado a desastres cujas causas e effeitos se perdem na confusão da politica, na guerra, muito ao contrario, as causas e effeitos surgem do modo o mais positivo e mais pathetico!

Será preciso, pois, *prevêr*, mesmo os mais desagradaveis successos, tal como seja a mobilisação dos exercitos, que é, aliás, a mais elementar e a mais necessaria previsão.

E' uma verdade demasiado sabida.

Napoleão dizia sempre: «Antes de emprehender qualquer cousa, eu medito longamente e prevejo tudo quanto possa acontecer», e dessa fórmula tambem pensava o seu mais sério adversario, o archiduque Carlos d'Austria, que dizia que ninguem seria um grande capitão senão com uma longa experiencia e aprofundado estudo, não bastando o que se viu pessoalmente.

As manobras têm essa virtude: fazem resaltar as falhas, as insufficiencias, provocando por isso a meditação e demonstrando que é preciso *prevêr*, e *prevêr* sempre. *Prevêr* quando se organisam as tropas, *prevêr* quando se as concentra, *prevêr* quando se as impulsiona, e isso em todos os grãos do commando.

Os japonezes deram disso um exemplo fecundo na ultima guerra que tiveram, desde o primeiro momento apparecendo impregnados de principios que são as verdadeiras bases da guerra de manobra offensiva.

O primeiro foi: — ser o primeiro a atacar e fazel-o de modo irresistivel.

O segundo principio foi: — empregar as forças nacionaes de accôrdo com o seu valôr e o seu gráo de preparo, isto é — mobilisação escalonada — permittindo uma offensiva simultaneamente immediata e sustentada.

Elles não admittiram a confusão das reservas com o exercito activo, nem a mistura do exercito de 1.^a linha com o da 2.^a, obedecendo assim á celebre formula do general Bronsart von Schellendorff: «O exercito de campanha de primeira linha, o que deverá travar as primeiras batalhas, será o exercito de paz mobilizado».

Assim foi que elles agiram, seus exercitos apenas se apresentando com suas unidades augmentadas de effectivo, mas sem desdobramentos, sem coreações de novas unidades, sem confusão de quadros.

A' retaguarda dessa primeira linha, seguio-se o escalonamento das brigadas mixtas, fornecidas pelo chamado exercito de deposito, das novas formações e dos elementos territoriaes, o numero não apparecendo como elemento da primeira hora, como meio de ganhar a victoria, mas apenas como meio de sustentar a grande lucta.

O japonez queria a qualidade e a cohesão das tropas como elemento de successo, o numero apenas intervindo na segunda linha, como reservatorio de forças escalonadas segundo o gráo de seu preparo.

Um semelhante criterio de organisação visaria, naturalmente, satisfazer ás necessidades da guerra de movimento e os factos comprovaram o acerto da previsão japoneza.

Deveriamos seguir o seu exemplo — obseryar, meditar e prevêr — e certamente essa necessidade não escapou á sagacidade de nenhum militar nem civil que haja acompanhado as recentes manobras no sul do paiz.

O Poder militar allemão e a guerra mundial

Pelo general de divisão z. D. Schwarte. Introdução do livro "A technica na guerra mundial". Tradução para "A Defeza Nacional", pelo capitão Bertholdo Klingner.

A guerra é um phenomeno natural — phenomeno de natureza violentissima. Sua differença principal para com outros phenomenos naturaes é que a estes em regra a humanidade só se defronta como paciente e transitoriamente, ao passo que na guerra ella é a propria força agente, que se consome e se aniquila ella mesma. Tem, porém, de commum com os phenomenos naturaes physicos ou meteorologicos o facto de que cada guerra possue o seu caracter peculiar, que, apezar de innumeradas semelhanças, nunca se reproduz em fórmulas, em manifestações inteiramente iguaes; ao contrario, sem embargo á identidade dos grandes traços, revela extraordinaria diversidade nos pormenores, em sua origem, seu curso e seu resultado.

Numerosos são os aspectos que imprimiram á guerra mundial recém-acabada feições peculiares: *a absorpção dos povos envolvidos na guerra até ao ultimo individuo capaz de combater ou de trabalhar*, sem consideração de idade nem de sexo, pela adopção e absoluta execução do serviço militar obrigatorio geral, mesmo nos estados que até então lhe fóram em extremo avessos, e pela imposição mais ou menos compulsoria do trabalho para o serviço da guerra; *a causa politico-economica da guerra* e a total compenetração desses problemas na formidavel lucta, em vez das causas religiosas, dynasticas, nacionalistas ou de politica geral, quaes eram as das guerras anteriores; *as inauditas proporções da lucta, quanto a massas, espaço e tempo*, e a forte participação de povos não arianos, semi ou incivilizados, na lucta de estados de alta cultura; *o proposital menosprezo e brutal derogação de todas as restricções*, de direito das gentes, pactuadas de commum accôrdo para limitação dos horrores da guerra, e a consequente dilatação destes, cynica e cruel, até ao impiedoso exterminio pela fome, visado, para além dos combatentes, todo o povo, inclusive mulheres, anciãos e crianças; *o ludibrio da opinião publica*

pelo emprego, sem nenhum escrupulo, da mentira em palavras e em illustrações; e, por fim, a utilização, em escala nunca vista; de todos os recursos da industria e da technica que de qualquer modo pudessem servir aos fins da guerra.

Naturalmente, nas guerras precedentes tambem se verificou o facto de serem aproveitados os recursos que proporcionava a technica, na medida do gráo de desenvolvimento por esta attingido; então, como agora, resultava isso da pressão da necessidade.

Mas o que antes ainda não se havia visto era uma inventividade genial, uma suprema energia de vontade e uma applicação ao trabalho levado ao limite maximo por parte de todas as forças pessoas e mecanicas, tudo isto posto sem reservas ao serviço de um pensamento unico, o do exterminio. Nas maiores guerras a vida politica e nacional, economica e cultural, havia podido continuar o seu curso, embora em marcha reduzida.

Esta total afinção de todas as manifestações da vida pelo exclusivo diapasão do serviço da guerra, da qual a principio poucos reconheceram a realidade, pouco a pouco dominou irrecusavelmente os povos, pelo reconhecimento claro de que a luta era pelo ser ou não ser, pelo proprio direito de subsistir e pela situação politica no concerto das nações, por muitos decennios.

Absolutamente ninguem podia prevêr que as manifestações de taes factores de força acabassem por subverter as noções politicas e sociaes de povos inteiros e estados; as suas fórmulas demolidoras só se tornaram possiveis com o curso da guerra, os seus phenomenos exteriores e desenvolvimentos internos.

Pela primeira vez quiçá, desde a transformação que soffreu a arte da guerra com a adopção da polvora, a technica assumiu o papel de factor componente, talvez decisivo. O formidavel desenvolvimento adquirido pela technica e a industria nos ultimos decennios, os estupendos recursos que haviam produzido, tinham sido, sem duvida, utilizados em todos os estados pelas suas administrações militares, para accrescentar o poder combatente de suas forças armadas — sempre, porém, apenas sob o ponto de vista que seu effeito facilitaria e ajudaria ao

processo da luta, jamais com a previsão de que, tanto como as forças physicas e intellectuaes, moraes e ethicas dos homens, tambem as forças mecanicas das machinas inanimadas haviam de ter influencia directamente decisiva.

E foi a Allemanha a que mais desatinou dessa apreciação previsoras. Em outros paizes, principalmente dentre seus inimigos, estava muito mais adiantada a justipreciação das forças a tirar da technica, e o empenho de utilisal-as. — Apezar do gigantesco desenvolvimento logrado pela technica allemã nos ultimos decennios, mediante trabalho theorico e pratico, incansavel e tenaz, edificado sobre base severamente scientifica, o mundo exterior sabia melhor que a nossa patria, quanto significava essa technica para o mundo e para o poder da Allemanha. Todos viam que ella dava tecto e alimento a milhões de seres do povo allemão; mas a guerra é que veio evidenciar, com os seus enormes reclamos, em que medida ella era essencial para nossa existencia como nação. A guerra é que projectou a luz inteira sobre a imprescindibilidade da technica para a vida da Allemanha; ella é que deu aos alheios á technica a consciencia de que *não pôde haver Allemanha sem a technica.*

Mas tambem foi ella que fez a technica conhecer as inexgotaveis fontes de onde podia haurir vida; ella despertou ignoradas forças novas, creou novos valores e gerou a possibilidade de ser bem-sucedido o termo da luta.

Não foi culpa da technica que o bom exito afinal faltasse. O exgotamento physico e a derrocada moral do povo resultaram de outros agentes, que não tinham relação com a technica.

Ao contrario: sem o apoio e a ajuda da technica, a capacidade de resistencia da Allemanha não teria chegado ao limiar da victoria; ella teria sido muito mais cedo condemnada ao derribamento.

Os motivos por que sem duvida nos tempos que precederam á guerra não existia a devida apreciação das forças que a technica punha ao dispor do exercito residiam talvez nos phenomenos das guerras anteriores e nas consequencias dahi deduzidas, sem cuidar de refundil-as mais tarde nos moldes dos grandiosos progres-

tos. Esses motivos estavam principalmente no desconhecimento que reinava entre os funcionarios dirigentes do estado, especialmente nos do exercito, a proposito da potencialidade das forças nascidas da technica, e na erronea utilização das possibilidades da industria technica.

Quanto ao exercito, esse erro de apreciação se explica pelo pouco trato da maior parte da officialidade com problemas technicos, que tambem se traduzia pela pouca attenção dada ás armas technicas. Estas ultimas, é bem verdade, haviam sido augmentadas no correr dos annos, e com progressivos novos inventos se havia mesmo realizado uma renovação do armamento; mas a medida ficou longe da proporção que teria competido aos adiantos da technica e que alguns órgãos esclarecidos reconheceram necessaria e reclamavam.

Desde o primeiro dia da guerra se fez sentir como grave insufficiencia a das tropas technicas, e, apesar do seu augmento constante, o effectivo não alcançou o limite necessario, até ao fim da guerra. Sem duvida, nesse sentido os exercitos alliados estavam mais bem providos; contudo tambem não na medida reclamada por esta guerra.

Mas tambem as innovações que a technica introduziu na economia domestica nacional não haviam sido favorecidas nem aproveitadas, como o mereciam, pela administração militar; o que ellas podiam proporcionar em augmento de força para o exercito não havia sido objecto de meditação ou não havia sido apreciado em toda a extensão. Deixando de lado este ultimo aspecto, contribuiu para isso, já um exagerado espirito de inercia, de par com uma reacção dos officiaes mais antigos contra a temida exaggeração em favor da technica, com detrimento para os factores moraes e ethicos, já um singular phenomeno de ordem politica interna — *o medo ao Congresso Nacional!*

Desde o começo do seculo XX o Estado Maior se havia empenhado pela plena utilização das novas forças á disposição do exercito com o grande surto da technica e pela intensificação das experiencias neste sentido feitas no exercito; e havia mesmo tratado de influenciar a technica, tomando mais largo contacto com ella. Foram effeito das suas persistentes gestões a terminação mais rapida

do dirigivel militar semirigido, a do dirigivel Siemens-Schuckert e do hangar giratorio, a appropriação do Zeppelin, a ventilação do problema da tracção automovel em comboios cargueiros de estrada de rodagem, e sua fórmula adequada; o Estado Maior insistiu tambem na ampliação da rêde radiotelegraphica nacional e em sua applicação nas colonias, e creou uma secção technica especial, á qual affectou o estudo permanente do aproveitamento dos recursos technicos para fins militares. Se os esforços quasi em absoluto encontravam obstaculos, ás vezes clara opposição, da parte de outros órgãos do governo, nem sempre era porque desconhecem as vantagens: era o temor ao thesouro nacional, que forcejava pela maxima limitação das exigencias financeiras e por sua vez era obrigado a isso pelas constantes imposições do Congresso, tendentes a rebaixar ao minimo as despesas com as forças armadas. Hoje podemos e devemos dizel-o: nesse sentido muitos factores legislativos falharam.

Todo estadista (e como tal tambem ha de querer ser considerado todo congressista) *que vê que a guerra vem tem a obrigação de assegurar pela preparação militar a mais forte possivel, que seja dado attingir, o bom exito para as armas patrias.* Isso faltou na direcção politica allemã. Ou alguns membros do governo nacional effectivamente não viram que se approximava a tempestade, ou não quizeram vêr — e em qualquer caso estavam deslocados nos seus postos. Sabemos do proprio ex-chancellor que esses homens não reconheceram a grandeza do perigo que nos ameaçava sob a fórmula da coparticipação da Inglaterra. Seja como fôr, elles não trataram de mostrar a grandeza e imminencia do perigo aos representantes do povo no Congresso, enfeitçados por um nebuloso pacifismo e pelos malfadados phantasmas da fraternidade universal, mostrar com a clareza necessaria para decidil-os a preparar todas as forças vivas do povo e todas as forças mecanicas, com vistas á luta inevitavel.

Já o *serviço militar obrigatorio geral* na Allemanha só subsistia no papel (em opposição ao que se dava na França, onde se preparavam para o anhelado grande ajuste de contas todos os individuos aptos para o serviço militar e até os semiaptos, readoptado ultimamente o serviço de tres annos), os *periodos da instrucção da re-*

serva e da *landwehr* eram raros, e a *instrucção preparatoria dos jovens das classes em serviço excedentes aos incorporados*, desde mais de 20 annos não se levava a effeito; tudo isso nos tolheu de pôr em acção a superioridade numerica do povo, a qual nos teria assegurado a victoria decisiva no Marne e no Yser.

Demais, devia ter sido attendido o aparelhamento completo das divisões de reserva e de *landwehr* — necessitadas de mais solido apoio material em vista da incorporação de classes mais velhas — com o effectivo total de baterias de artilharia e a provisão para um maior consumo de munição, bem como o augmento da artilharia pesada e das tropas technicas, levando em conta uma guerra em duas frentes. Uma das *culpas do Governo* é a de não haver esclarecido os representantes nacionaes, como era seu dever; a outra é a de não haver sabido conseguir nem as pequenas proposições, ou pelo menos *não ter tirado as consequencias das recusas*.

Ao Estado Maior era vedado exercer qualquer influencia immediata sobre o Congresso. Não podia fazer outra coisa senão reproduzir sempre as proposições do que reconhecia como indispensavel e instigar directamente a industria a certas experiencias e aperfeiçoamentos. Como exemplo da efficacia desta ultima acção, entre muitos, cite-se que o celebre morteiro de 42 cm. resultou de empreendimento particular da firma Krupp, promovido pelo Estado Maior, que lhe propuzera o problema de construir uma peça de artilharia seguramente capaz de amadurecer para o assalto as novas construcções couraçadas e de cimento armado das fortificações francezas. Só depois de realizada a construcção e ensaiada (que era tido como inexequivel), tendo sido primeiramente destinada a mover-se por ferrocarril e posteriormente por tracção automovel, é que a administração militar tomou a si essa arma.

Quando, por fim, em 1913, por força da desenfreada exigencia do povo, que pouco a pouco perdera a tranquilidade, se resolveu um apreciavel reforço do effectivo do exercito, graças principalmente á pressão e propaganda esclarecedora do *Wehrverein (Liga da Defeza Nacional)*, ainda se omittiu o correspondente reforço em recursos technicos de luta, sem falar que

aquelle dos effectivos só havia de tornar-se efficaz depois de longos annos, em contraste com providencias do mesmo sentido russas e francezas, de effeito immediato. Nem ao menos se tomou a resolução de assegurar a transformação necessaria das officinas de paz para a immediata producção de materiaes de guerra, concedendo ás fabricas os meios para adquirirem e montarem as necessarias machinas. Não se havia reconhecido que, sem as medidas preparatorias, dada a complicação das armas modernas, custaria mezes antes que se pudésse contar com um reabastecimento regular de armas e munições. *As tropas* nas frentes de combate *tiveram que pagar* com pesado tributo de sangue essa myopia, e a direcção superior do exercito muito se viu por isso tolhida em suas providencias.

O ajustamento da aviação ás forças combatentes tambem não estava estendido tanto como o seu desenvolvimento o haveria permittido. Dahi resultou que nesse dominio os francezes dispuzeram desde logo de uma indubitavel superioridade que em seguida se fez sentir.

A preparação economica e industrial da guerra faltava de todo. Antes da guerra ella havia sido reclamada pelo Estado Maior e mesmo por pessoas eminentes da industria e do commercio — mas as autoridades responsaveis julgaram-n'a desnecessaria.

Tinha-se como inconcebivel que a Inglaterra pudésse applicar na Europa a mesma monstruosa conducta da guerra que havia usado contra os boers: a estricta execução de um absoluto bloqueio — attingindo até os neutros, com menosprezo do direito internacional. Demais, induzido por uma longa série de razões apparantemente convincentes, se julgava impossivel que fosse longa a duração de uma guerra, si afinal sempre viesse a ter lugar, e portanto não tinha cabimento uma cuidadosa preparação para uma guerra de annos. As previsões de Bismarck, Moltke e Schlieffen, que auguravam a longa duração da guerra, eram para os modernos dirigentes da Nação e illuminados representantes do povo, méras phantasmagorias de outros tempos! Assim é que nada ou insufficientemente estava providenciado sobre accumulção de materias primas, que a Allemanha não

produz, indispensaveis para a guerra. Isso tambem explica a variação nos pontos de vista e nas correntes de opinião nas primeiras semanas da guerra, a proposito da ampliação ou redução das officinas industriaes, e as frequentes mudanças do sentido na migração de effectivos entre o exercito combatente e o exercito do operariado na patria, ao sabor das exigencias irregularmente crescentes, muito variaveis, das frentes de batalha e das necessidades na população. Semelhante incerteza não podia deixar de influir, como entrave, sobre o immediato inicio e a methodica sustentação dos trabalhos industriaes para a guerra. Dahi tambem resultou que por mezes, no começo da guerra o rendimento da industria foi insufficiente, que ella foi privada de seus melhores operarios pela incorporação ao exercito, justamente na occasião em que a transformação de todas as instalações industriaes, não preparada, teria necessitado um reforçamento do operariado. Não fosse que ao romper a guerra um ministro clarividente, reconhecendo o terrivel perigo, seguisse com prompta decisão os conselhos de homens esclarecido da vida economica nacional, a nossa potencia para lutar teria acabado desde 1915, por exgottamento dos materiaes de guerra.

Se assim não succedeu, se tudo quanto nosso povo precisava e o inimigo impedia de entrar no paiz, apesar disso pode ser conseguido em quantidade sufficiente para alguns annos, isso se deveu ao espirito inventivo e ao talento organisador de alguns eminentes homens da technica e da industria, que só elles conheciam as bases para isso necessarias, em geral previstas por elles mesmos, e soubéram utilisal-as.

Desde o surto que a technica e a industria allemã começaram antes de 1870, mas que só depois dessa época tomou formidavel impulso, ella imprimiu um cunho caracteristico á vida economica nacional, primeiro, e depois gradualmente tambem adquiriu influencia marcada na economia mundial. E isso ella não o deveu ao acaso, porém á sua contextura desenvolvida com inflexivel lógica sobre base severamente scientifica, de onde as suas obras nasceram como fructo do trabalho formidavel, systematico, de gerações in-

teiras de cultissimos pesquisadores e homens da theoria e da pratica.

Não é culpa da industria allemã que, lhe fosse vedado cooperar durante a paz, na preparação para a guerra que vinha, e que não tenha podido immediatamente pôr-se ao serviço da guerra com toda a sua energia e capacidade de produção. Não obstante, ella promptamente se adaptou com feição grandiosa ás necessidades da guerra e realizou a transformação de suas officinas de paz consoante ao trabalho para a guerra. Rapidamente ella aprendeu a se ajustar ás enormes difficuldades que lhe causava a falta de operarios peritos e que em gráo crescente desde logo lhe resultaram da minguante, até nulla, importação do exterior. Ella soube illudir essas difficuldades. Por fim, em rapida decisão e potente energia ella soube amoldar-se á necessaria ampliação das instalações, conseguiu satisfazer ás immensas exigencias do programma Hindenburg, bem como tirar partido da lei do serviço auxiliar, para elevar ao maximo a produção em favor da guerra. Não cabe aqui examinar se o lado financeiro desse desenvolvimento foi ou não o acertado; é inquestionavel que os fornecimentos materiaes para o exercito fóram verdadeiramente extraordinarios.

Os limites desse rendimento estavam na limitação do operariado e da materia prima, que, cifrados ao nosso territorio, haviam de exgotar-se, tanto mais rapidamente que tinhamos que ajudar o abastecimento de nossos alliados, ao passo que os inimigos dispunham illimitadamente da materia prima, das officinas e do operariado do resto do mundo inteiro.

Foi gigantesco o que produziram a technica e a industria allemãs em todos os dominios do aprovisionamento do exercito e do povo (pois tambem ás possibilidades da vida deste estendia, como já assignalei, seus desejos de exterminio o mais inexoravel dos inimigos). Naturalmente os resultados foram muito diversos, de accôrdo com a sua natureza, conforme interessavam ao exercito, á marinha ou á população civil. Em nenhum desses ramos havia uma base segura de experiencias anteriores — era a Alemanha a unica grande potencia européa que havia 40 annos não fazia guerra. O que restava de experiencia da de 1870/71 estava inproveitavel, o que nem sempre se reconhecia, principalmente o exagerado

valor attribuido ao factor pessoal, tradição fundada nos brilhantes successos de então. Muita coisa recem se iniciava; o sonho da paz universal havia entravado o progresso até da preparação technica — de facto a Allemanha não estava aparelhada para esta guerra, pôdem os adversarios denegal-o.

E em muitas coisas foi a guerra a geradora de certos problemas, em todos os dominios, a que então a industria teve que dar solução promptamente.

Quanto á guerra terrestre é característico que as armas das grandes massas, fuzil, metralhadora e canhão, conservaram intactos os seus fundamentos e resistiram á guerra com os seus mesmos feitios, apenas dotados de uma quantidade de aperfeiçoamentos que se impuzeram para augmento da efficacia.

O fuzil e o canhão continúam sendo armas de tiro rapido, que mediante modificações em accessorios ou na munição soubéram responder ao augmento da efficacia ou á especialidade de novos objectivos.

A metralhadora teve que levar em conta os novos aspectos do combate moderno, principalmente por uma maior mobilidade e presteza em abrir fogo e attender ás condições particulares do combate aereo. Emfim, não houve transformação radical nessas armas; em compensação, a guerra de posição exigiu que fossem completadas por novos meios de combate. Em lugar da simplicidade do armamento sempre buscada na paz, pela dotação do exercito com poucas especies de armas, de grande rendimento, se estabeleceu uma extraordinaria differenciação.

Sem duvida o alto commando percebia as difficuldades resultantes de tal desenvolvimento, que se traduziam sobretudo pela maior complexidade na preparação do pessoal e no reabastecimento dessas armas; elle era porém impotente deante da evolução.

Ahi, isto é, na variedade do armamento auxiliar e dos meios de combate auxiliares, se manifestou fortemente a influencia da technica.

A inapplicabilidade da infantaria com suas armas de grande alcance e da artilharia, na guerra de posição, deu nascimento ás armas de combate a pequena distancia e fê-las crescer a uma signifi-

cação em que jamais se havia pensado. Primeiramente surgidas como armas de sapadores e de infantaria, sua evolução se fez no sentido de caracterisal-as, a bem dizer, como órgão intermediario entre esta e a artilharia, e em parte foram attribuidas a esta. Granadas de mão e de fuzil, lança-granadas, affeçoaram-se á infantaria, como os lança-minas typo leve, ao passo que os médios e pesados se encarregaram de uma parte das funcções da artilharia. As peças de artilharia do exercito de campanha repetidamente desenvolvidas em alcance e potencia, não fôram mais bastantes; foi preciso buscar nas fortalezas, nas costas e nos navios de guerra as mais poderosas peças, levou-se ao combate uma artilharia de alcance e potencia nunca vistos, elevou-se o remuniamento a massas verdadeiramente phantasticas, procurou-se augmentar o effeito explosivo dos projectis pelo melhoramento de suas cargas, e com tudo isso não se conseguiu um exito rapido, decisivo. Procurou-se por fim novos effeitos pelo emprego em massa de carros automoveis couraçados (tanks), pelo uso de projectis gazosos, fumigenos, nevoentos, etc., que provocaram o surgimento dos antidotos efficazes, mas não alcançaram exito decisivo.

O caracter da guerra de posição, as colossaes baixas de cavallos, a falta de forragem e outras circumstancias reclamaram o emprego da tracção mecanica, do automovel, na maior escala. A guerra de posição, nunca dantes vista em taes proporções e refinamentos, só se podia comprehender com os formidaveis recursos auxiliares que lhe punha á disposição o desenvolvimento da industria, e a sua duração tão longa só foi possivel graças ao auxilio da geologia da guerra.

Mais forte ainda do que propriamente nas armas se fez sentir a importancia da technica nos meios auxiliares do commando. As necessidades da observação e do esclarecimento déram uma grande influencia aos meios de combate aereo, primeiramente com um surto passageiro dos dirigiveis, mas depois com um desenvolvimento constante, crescente dos aviões e balões, que se traduzia pelo seu numero enormemente augmentado; e determinaram o emprego de meios oppostos, para contrariar as suas actividades, fossem as armas antiaéreas empregadas da terra,

ou as dos proprios aviões. Essas novas condições especiaes de combate exigiram naturalmente novas armas de combate.

Aos immensos exercitos, aos interminaveis theatros de guerra correspondiam as exigencias apresentadas aos meios de transporte e de transmissão.

Tambem aqui assumiu papel dominante a tracção automovel, porque a utilisação das vias ferreas não podia ultrapassar um certo limite e a sua larga ampliação não era possivel em vista da demorada construcção, e porque tambem não satisfazião por muitos motivos já mencionados, os vehiculos hippomoveis.

A ampliação e o emprego em massa dos meios de transmissão tiveram que adaptar-se á evolução das fórmas do combate e assumir extraordinaria importancia. Telegraphia e telephonia com e sem fio, e telegraphia pelo sólo, ligavam entre si todos os corpos do exercito, sem contudo excluir o emprego dos meios de signalisação os mais simples, nem mesmo o do velho systema de estafetas montados e a pé.

Se de um lado, assim, toda a evolução da guerra reclamava um formidavel augmento da capacidade dos meios technicos de combate e auxiliares, por outro lado se oppunha a limitação da Allemanha dentro de suas fronteiras, reduzindo-a rigorosamente ás materias primas encontradas nesse ambito. E' um merito muitissimo especial da technica haver estado, apesar de todos os entraves, á altura de todas as necessidades do exercito, depois de vencidas as difficuldades do começo, e haver attendido ainda em grande parte ás dos alliados da Allemanha, e isso sem que soffressem as boas qualidades do armamento produzido.

Quando se ouve dizer que a munição de infantaria e de artilharia — tomemos este exemplo — se tornou totalmente outra, desde a capsula até ao projectil e sua carga, o leigo não faz idéa que somma de esforços intellectuaes e materiaes foram necessarios para chegar ao que parece tão simples. E como neste caso, assim foi em todos.

Identica evolução se realisou na guerra naval. Os principaes instrumentos de combate, navios e artilharia, conservaram-se inalterados em seus fundamentos. A longa duração da construcção impediu

que apparecessem durante a guerra grandes modificações externas. Naturalmente, dentro desses limites, as construcções concluidas durante a guerra levaram alguns melhoramentos, baseados nas lições do primeiro tempo da luta. As condições da situação excluiram a possibilidade de ser adquirida uma superioridade decisiva da Allemanha neste dominio. Tambem aqui foram armas de nova especie, ou que recém estavam surgindo, as que produziram uma profunda alteração da arte de combater. Os submarinos occuparam por algum tempo, predominantemente, o primeiro plano do quadro da guerra, mas a guerra de minas na defesa e na protecção das costas, o dirigivel e o avião, ao lado do cruzador-explorador, assumiram significação marcada. Tambem os meios de transmissão, a radiotelegraphia e a telegraphia submarina chegaram a um alto aperfeiçoamento. Igualmente, como para o exercito, era serio entrave a redução das materias primas; a technica teve que procurar, e afinal achou, succedaneos encontrados no sólo nacional, ligas de metaes e outros methodos de fabricação.

Mais forte ainda era a influencia da mesma circumstancia sobre a technica de interesse nacional. Como era natural, tambem aqui os reclamos das frentes de combate demandavam uma producção elevada ao maximo. Com a enorme absorpção de homens pelo exercito, que afinal não restava mais de onde havel-os, foi preciso operar uma extrema mecanisação de todas as officinas, substituir o mais possivel o homem pela machina, e onde isso era irrealisavel, apellar para o trabalho feminino. Porém, ahi, por sua vez, importava attender á menor força phisica da mulher, introduzindo nas machinas e organisações de officinas novos dispositivos adequados.

Mas o elemento afinal cortante foi a cessação da importação. Esse bloqueio não attingia unicamente ás necessidades da dotação do exercito em recursos de combate, mas tambem ao aprovisionamento de todo o povo em viveres. Aqui lutou o espirito de organisação e de invenção em beneficio de todas as partes da Nação, combatentes e trabalhadores, de mãos dadas, sem distincção nas necessidades.

Sabia-se que a produção da Alemanha em generos alimenticios e forragens em tempo de paz não cobria as necessidades nacionaes; não obstante, tambem nisto não se havia tido por necessario nenhuma preparação para a guerra, que consistiria na accumulção das indispensaveis massas de viveres para uma guerra de longa duração.

Imaginava-se que o mundo inteiro, se necessario por intermedio dos neutros, contribuiria para a alimentação nacional; a previsão do bloqueio da fome, contra velhos, mulheres e crianças, ficava excluida, por ser contrario ao direito das gentes e condemnado pelo codigo da moral christã. Esquecia-se que o povo eleito de Deus jamais se havia peiado por leis divinas nem tratados legaes, quando se tratasse de seu proprio beneficio terreno! Nesse erro, nessa estúpida confiança ao direito, sossobrou a resistencia do povo. Foi o bloqueio da fome o que rebentou os nervos ao povo, e fêl-o succumbir aos requestos da propaganda inimiga e dos agitadores dos partidos sem bandeira nacional!

A technica dos generos alimenticios não logrou, alfim, evitar a derrocada; não obstante ella tem um extraordinario merecimento em haver conseguido assegurar ao povo, atravez de quatro annos, a força para trabalhar e combater, apezar das leviandades do começo, que toleravam verdadeiro esbanjamento, e apezar do effeito crescente da fome.

De igual maneira houve que procurar succedaneos para todas as outras necessidades á vida, que o paiz não produzia em quantidade bastante. Cobre e nickel, chromo e manganez, lã e algodão, couro e borracha, cereaes, graxas e oleos, productos carbonicos, e cem outras coisas de uso diario, muito especialmente os artigos de penso aos feridos e medicamentos para enfermos, — a Alemanha não os produzia na escala que reclamava o insuspeitado consumo da guerra. Foi este dominio extraordinariamente vasto e profundamente compensador para a applicação do espirito allemão de invento e organização. Não queremos nem podemos discutir aqui se o systema da organização alimentar foi o melhor. O que a technica, porém, creou em recursos nesse

assumpto, de modo a tornar possivel a sustentação da vida, é uma pagina de gloria para ella. Não se poderia exprimir-lhe maior reconhecimento que o pronunciado por um de nossos inimigos, Maurice Barrès: «A sciencia allemã alimentou a agricultura e a industria, e mesmo toda a nação além do Rheno, durante o largo periodo de 4 annos e 1/2...

Ella creou a fabricação industrial dos azotados (necessarios para a munição e a agricultura) captando o azoto da atmosphera e assim o exercito allemão teve a munição que precisava. Depois do inicio da guerra, por effeito do bloqueio inglez, cessou toda a importação de materias primas, que montava a 5 bilhões. Como fabricar, sem as materias primas, os apparatus, as armas, as roupas, o calçado e as enormes massas de objectos de toda especie, necesarios para a nação em armas e para as classes trabalhadoras? Como alimentar, sem importação de cereaes, de carne e de outros viveres, dez milhões de soldados e toda a população civil? Com razão diziamos nós: a Alemanha está perdida. E a chimica allemã, a technica allemã, salvaram a Alemanha.

Ella dava solução áquelles problemas que pareciam insoluveis. Ella produziu o acido sulfurico, privada do minereo hespanhol; distillou alcool, sem cereaes, nem batatas; encontrou a borracha synthetica. Fabricou roupas para os pobres, de tela de papel; achou succedaneo para os metaes raros e para o couro, para o sabão, para lubrificantes.

Dez vezes sentenciam os nossos mais sérios especialistas: os allemães estão perdidos; falta-lhes isto, não têm mais aquillo. E dez vezes tiveram que declarar: E' inteiramente incomprehensivel! Elles venceram a difficuldade. Acharam outra vez um succedaneo!»

E Barrès reclama que a França necessita desenvolver ao maximo sua alta cultura e a preparação intelectual e moral, para realizar coisa parecida. Se de parte do inimigo se pronuncia tão admirativo reconhecimento aos esforços da industria e da technica allemãs, certamente se poderá dizer que ellas fizéram o maximo que absolutamente era possivel realizar. Se com isso não lograram forçar a victoria, não é dellas a culpa. Esta se acha em

outras causas. E' porém de lamentar que os enormes recursos de luta por ellas creados não tivésssem sido applicados á guerra, sem restricções, em toda a rija consequencia que lhes assegurasse o maximo de sua efficacia. Num ou noutro ponto, essa omissão pôde ter sido devida a falsas apreciações, mas foram principalmente entraves de ordem politica os que impediram grandes exitos.

E' uma das causas do infeliz resultado da guerra o não haver o governo allemão sempre feito immediato uso energico da superioridade da technica nacional, multi-forme e immensa, limitando-se a meias medidas, timidas e vacillantes. Depois que a Inglaterra tinha ganho o tempo necessario (a vontade ferrea nunca lhe faltou, mas havia nos julgado mais fracos) para desenvolver os illimitados recursos de que podiam dispôr ella e os Estados Unidos, e para convocar em seu auxilio os povos de todo o orbe, não se podia mais pensar em resultado favoravel para nós.

Dada a insufficiencia das materias primas de que dispunhamos, e que dia a dia mais tinham que diminuir, a unica probabilidade de exito residia na utilização decidida, rapida, de todas as forças e meios.

O factor tempo não podia favorecer a Alemanha — só podia servir aos seus inimigos. Elle deu á Inglaterra e aos Estados Unidos a possibilidade de instruir, adequadamente ás necessidades da guerra, os seus exercitos de superioridade numerica esmagadora, ainda adoptando primeiramente o serviço militar geral obrigatorio, como tambem lhes permittiu superar pela massa, não pela qualidade, a technica allemã, haurindo nas fontes inexgotaveis de suas materias primas e subsidiarias.

As folhas que se seguem, se propõem a dar uma synopse dos esforços da technica allemã, suas origens e seus feitos. Sômente passados annos de meticuloso trabalho é que será possivel fornecer uma descripção completa, verdadeiramente digna de tão immensos esforços.

Tem, porém, o povo allemão desde já o direito de conhecer um quadro resumido, como o deste livro, sobre o rendimento e as ajudas que lhe prestou a technica, em circumstancias as mais dif-

ficeis; pois elle pôde orgulhar-se do que lhe déram seus compatriotas que trabalharam na industria; mas tambem o mesmo direito têm os homens da technica e da industria, porque pôdem orgulhar-se do aparelhamento que, em infatigavel trabalho e incessante labor intelectual, proporcionaram ao exercito e ao seu povo.

Assim, estas folhas serão um orgulhoso monumento commemorativo das acções de gloria que — quaes os heroismos dos guerreiros — o espirito e a força allemães, a vontade e o trabalho dos allemães, praticaram ao serviço da defesa da Patria.

Apparelhamento para "ligação"

Não tendo conhecimento muitas vezes os interessados do que lhes pôde (antes deveriamos dizer: *deve*) ser fornecido (tanto que muitos officiaes surprehendem-se ao saberem que estamos fabricando nossos aparelhos de «ligação»), mal não ha, penso, em que a titulo de reclame, na bôa intenção, não para mim, para dourar meus feitos, mas para salientar o trabalho do Arsenal, que é tambem trabalho nacional, para chamar a attenção para as possibilidades de nos irmos organisando com o que é nosso tambem, mal não ha, penso, diziamos, que vá expondo o que tecnicamente temos obtido em nossos trabalhos, dia a dia, em prôl do aparelhamento para nossa «ligação».

Assim é que hoje, temos a dar a grata nova de que obtivemos typos de phones para telegraphia e telephonia sem fios de qualquer systema, os melhores que é possivel encontrar-se actualmente.

Sabida é a difficuldade com que lutam os que têm de obter essas peças essenciaes dos telegraphos e telephones sem fio, e o preço por que são ellas obtidas quando encontradas, chegando mesmo, entre nós, a ser a Repartição Geral dos Telegraphos obrigada a fechar estações (como a de Senna Madureira, em 1920, se me não engano) por falta absoluta desses elementos indispensaveis na radiotelegraphia ou na radiotelephonia, não podendo, como então declarou em relatório o Ministro da Viação, serem aqui reparados ou fabricados os mesmos phones.

Grande como é o numero de desarranjos que se dão n'esse material, sendo necessario, de vez em quando, ser elle reparado, como é constante ser feito por nós, aqui, no Arsenal, facil é perceber-se que era uma grande lacuna estarmos nós a nos dirigirmos ao estrangeiro para reparar e comprar esses phones, pois em tempo de guerra não poderíamos contar com esses nossos amigos que tão sollicitamente nos fornecem tudo já *prompto*, tirando-nos o trabalho fastidioso de *fazer* (talvez não seja apenas por *sympathia* que nos tiram esse trabalho de *fazer*).

Ponderando sobre tudo isto foi que, após o trabalho menór de apresentarmos todos os typos de apparatus telephonicos e telegraphicos *com fios* (inclusive pilhas), encetámos o trabalho maiór, mais difficil (principalmente por não dispormos ainda de um laboratorio electro-technico como já, por varias vezes pedimos, mas que o Governo não nos poude ainda fornecer) e procurámos fixar um typo de apparatus de «ligação» *sem fios*.

Fixado esse typo léve de campanha, para começar, construimos um exemplar que deu magnifico resultado na recepção com phones estrangeiros, pelo que, animados, emprehendemos a fabricação de typos de phones nossos para ficarmos o mais possivel independentes, n'este particular, pois este é o ponto mais delicado da recepção sem fios, tudo o mais ahi sendo matéria prima facilmente encontrada no mercado, alguma mesmo de produção nacional, como ebonite etc., sendo o proprio crystal *detector* com que trabalhamos nacional (pyrite de ferro).

«C'est en forgeant qu'on devient forgeron», e foi reparando phones e... fabricando-os que nos tornámos fabricantes de phones de T. S. F. que, (sem exagero) podemos afirmar serem tão bons, ou, melhores, que qualquer phone estrangeiro.

A Escola Militar vae dizer-nos, se affirmamos uma verdade, ou, se exagerámos, pois ella vae lidar com duas estações de telegraphia sem fios receptoras, de nosso typo, que lhe estamos fabricando no Arsenal para servirem á instrucção d'este anno lectivo, na regulção do tiro de artilharia em collaboração com aviões.

Em breve enviarei á «A Defeza» o resultado d'essas próvas *pelo facto* com o julgamento de quem melhor póde julgar, que é quem lidará com tal material durante o anno.

Uma outra noticia que diz respeito á «ligação» é a de que estamos no «Arsenal» fabricando «blocos» de 40-60 para *amplificadores*, muito portateis, seguros e baratos e que vêm substituir as baterias de acumuladores liliputianos, martyrisadores do pessoal que com elles tinha que lidar, taes os seus melindres.

O 1.º B.º/E. e a Comp.ª de Carros de Assalto dirão do valór d'esses «blocos» na telegraphia e telephonia sem fios, pois ambas os estão utilizando.

Por ultimo, temos a divulgar ainda que estamos com o problema do telephone alto fallante resolvido por completo, tanto para a telephonia *com fio*, como para a *sem fio*, não precisando dizer sobre suas vantagens.

Se digo a verdade, podem attestar os Ex.ºs Snrs. Ministro da Guerra, General Tasso Fragoso, Coronel Director e demais officiaes do Arsenal de Guerra do Rio e todos os officiaes aos quaes tenho tido o prazer de mostrar esses apparatus.

Precisamos agora ir ao facto, ao fabrico systematico, á organização em bases seguras e que garanta a continuidade do esforço, o preparo do pessoal de modo automatico, de fórma que não fique dependendo de uma só vontade, da energia e competencia de um só e sim que se engrene por tal fórma, organicamente, que não dependa a vida da industria especializada, senão da sequencia dos factos dentro da organização.

E, para isto, só é preciso que se crie o quadro dos technicos.

Rio, 21 de Fevereiro de 1922.

Cap. Flavio Queiroz Nascimento.

Aos leitores

Pedimos a carinhosa attenção daquelles que dispensam alguns minutos á «Defeza Nacional» para o importante trabalho sob o titulo «O poder militar alemão e a guerra mundial», traducção do nosso presado companheiro capitão Bertholdo Klinger, que, mesmo longe, não se esquece jámais de pugnar e preoccupar-se com o nosso paiz, desejsos que seus filhos sempre reflectam nos exemplos ensinadores que os acontecimentos periodicamente nos proporcionam.

O trabalho se recommenda á leitura de todos, mas muito principalmente daquelles que directamente têm responsabilidades nos destinos do nosso grande paiz, hoje mais do que nunca merecendo o concurso patriotico de todos os brasileiros.

Methodos de Instrução

(Tradução de um livro do General Niessel
pelo Cap. F. J. Pinto. Con. lusão.)

Fogos da infantaria

São figurados os fogos da infantaria no ponto de partida e por meio de regras analogas para o fuzil e fuzil-metralhadora. Na maioria dos casos a infantaria age pelo tiro directo sendo o fogo aberto a bem curtas distancias e um homem, virado para o objectivo e agitando uma bandeirola no ponto de partida do tiro, pôde indicar o eixo deste com a necessaria precisão para que as outras partes da linha amiga não se sintam expostas aos fogos.

Afim de evitar qualquer confusão com a representação dos effeitos do tiro da artilharia, nitidamente differentes são os seus signaes. Assim o signal optico será figurado por bandeirola vermelha quadrada, de 0^m,50 de lado; o signal acustico por notas breves de clarim ou corneta.

O signal acustico muito util é no inicio do encontro, para chamar a attenção, ou no caso em que a infantaria atira completamente invisivel (da orla de bosque, por exemplo, ou de uma cerca viva espessa). Pôde-se tambem, neste caso, empregar alguns cartuchos de festim. Devem estes, porém, ser reservados, em principio, á representação dos tiros isolados provenientes dos fogos de sentinellas ou patrulhas, para os exercicios de combate de noite ou em bosques.

Em geral, é sufficiente uma bandeirola vermelha por secção. Nos exercicios de detalhe poderá ser empregado uma por grupo de combate.

A bandeirola se agita durante o tiro, se ergue ou se desloca quando a tropa figurada se levanta ou se descobre para marchar; desaparece no resto do tempo. A bandeirola que acompanha uma tropa real só se mostra por occasião do tiro.

Fogos de metralhadoras

Os fogos de metralhadoras são figurados no ponto de partida. E' tal a potencia desses fogos, que é necessario precisar de modo indiscutivel o eixo do tiro.

Signal optico: duas bandeirolas vermelhas collocadas a 30 passos uma da outra e se agitando simultaneamente indicam o eixo do tiro quando o tiro fôr numa direcção unica.

Para figurar a ceifa, a bandeirola posterior se desloca lateralmente de modo a indicar com a outra bandeirola alinhamentos successivos que marcam a amplitude da ceifa.

Signal acustico: notas longas ou, melhor, alguns cartuchos de festim disparados pela metralhadora, sobretudo no inicio do tiro ou quando se trata de um tiro de flanqueamento.

Quando o fogo de metralhadoras é executado a grandes distancias e com tiro indirecto, as bandeirolas são collocadas na crista visivel mais afastada do objectivo e no eixo do tiro. Convenciona-se que as bandeirolas não marcam a collocação exacta das metralhadoras mas apenas a direcção do eixo do tiro.

E' preciso com frequencia fazer as metralhadoras intervir com tiros de flanqueamento mesmo a grandes distancias.

Representação de uma tropa não existente

Graças a esta signalisação, podem-se marcar todos os momentos essenciaes do combate pelos fogos da infantaria e das metralhadoras. Pôde-se attingir a esse fim não só com tropas reaes como tambem com tropas representadas apenas pelas bandeirolas correspondentes. Mas, neste ultimo caso, quando se quizer obter precisão, é necessario a existencia real de todos os quadros, até os commandantes de secção ou pelo menos, quando possivel, até os commandantes de grupos de combate, e que as bandeirolas sejam transportadas por soldados especialmente escalados para esse fim.

Os fogos são realmente commandados e os signaes figurativos só são executados no momento em que realmente o tiro se desencadearia.

Deve ser em numero sufficiente o pessoal de transmissão e é util, além disso, dispor-se, quando possivel, de tres ou quatro homens por secção para melhor se balisar a frente, dar-se um objectivo perceptivel e fornecerem-se as sentinellas, os observadores e as patrulhas necessarias. Fica entendido, que cada um procede como no combate e occupa o logar que teria ahí.

Representação do enquadramento

O combate se desenrola quasi sempre entre inimigos enquadrados de perto por outras tropas. Segue-se daí que, nos exercicios de combate, a tropa que toma parte deve ser enquadrada por uma represen-

tação materializada, menos quando se tratar de casos particulares, como vanguarda, retaguarda, tropa de uma ala.

O melhor será garantir esse enquadramento por uma tropa figurada por bandeirolas *vermelhas*, como se disse acima. Quando ha falta de pessoal, figura-se o enquadramento só por uma ou duas bandeirolas *azues*. Devem essas bandeirolas ser dirigidas e manobramem realmente. Em geral, o director do exercicio influe na manobra, creando incidentes ou situações novas, de natureza a resaltar o ensinamento que deseja dar. Póde-se assim estudar, em particular, os efeitos dos flanqueamentos lateraes, que representam com frequencia um papel capital, sobretudo quando por metrainadoras.

Granadas e petrechos de trincheira

O combate de granadas, se desenvolvendo de muito proximo, não exige figuração por bandeirolas. Torrões de terra ou pelotas de pedaços de tropas e cheios de areia podem satisfazer para essa representação. Melhor será dispor-se de uma granada de exercicio sem perigo (munida, por exemplo, de um detonador rapido de papelão, exterior á granada e não podendo fornecer estilhaços. Até agora infelizmente não foram fabricadas granadas de exercicio que preenchem essas condições).

A figuração dos pontos de queda dos projectis dos petrechos de trincheira pode ser feita pelos mesmos processos da artilharia. Deve-se, porém, considerar o modo de emprego desses petrechos, por tiros isolados mais ou menos numerosos e frequentes. Só apresenta interesse nos exercicios de guerra de trincheira ou de combate de localidades.

A experiencia mostrou que esses signaes, muito simples, são rapidamente apprehendidos por todos. Os combatentes entendem as condições de execução dos fogos, quer sejam contra elles, quer em seu proveito. Director, arbitros e espectadores interpretam todos obrigatoriamente do mesmo modo o problema, identico para todos. *Vê-se* alguma coisa e tem-se assim occasião de decidir, de agir em funcção dos fogos amigos ou inimigos e das tropas proximas.

A iniciativa se desenvolve, assim como a possibilidade e necessidade de enviar partes aos visinhos e aos chefes.

Os chefes por sua vez só difficilmente podem ainda invadir a zona da iniciativa dos seus subordinados ou contel-os.

Estes, collocados, com effeito, em face de problemas de detalhe cuja solução é urgente, são obrigados a agir sem esperar ordens. Resultam dahi situações cujos effeitos se vão reflectir no commando que é por sua vez obrigado a leval-as em consideração, para admittil-as ou para enffrental-as por meio das reservas.

A necessidade das ligações torna-se, então, manifesta e adquire-se o habito de organizal-as e utilisal-as.

IX — CONCLUSÃO

Mostrámos a necessidade de modificar os nossos methodos de instrucção, indicámos os principios geraes que devem guiar o estabelecimento das progressões e da distribuição do trabalho. Precisámos os processos para dar ao ensino do combate um aspecto vivo e definido que permita desenvolver a personalidade, a iniciativa, a faculdade de raciocinar, de querer e de agir.

Mas, não nos devamos esquecer que *methodos e processos só valem pelo modo por que são applicados, pelo zelo e conhecimento dos que os executam*. E é, antes de tudo, ao valor, á intelligencia, ao ardor, ao trabalho, ao sentimento do dever dos nossos officiaes e de seus preciosos e indispensaveis auxiliares, os sub-officiaes de carreira, que é preciso continuar a appellar para que a instrucção, tenha uma marcha verdadeiramente proveitosa, devido não só á boa vontade como á capacidade de todos os que a dirigem.

Ha faculdades moraes indispensaveis aos exercitos e que se não cream professando lições e ainda menos constrangendo. Chamámol-as disciplina, espirito militar, espirito de sacrificio. A sua base fundamental é o patriotismo, verificou-se bem na derradeira guerra.

O patriotismo e as faculdades militares que delle decorrem conservam-se e ainda conservar-se-ão por longo tempo innatas na alma de todo Francez. Mas, para germinar a boa semente e para que produza

fructos, é preciso o calor do bom exemplo e o meio favoravel para a idade em que o rapaz se vae transformar em cidadão, idade em que passa pelo exercito.

Que honra para os quadros do exercito de se verem chamados assim a completar a educação de toda a juventude franceza! E' um papel que está a exigir muito esforço e devotamento. Os nossos officiaes e os nossos sub-officiaes reengajados poderão assumil-o plenamente e pregar pelo seu exemplo, após a guerra como antes e durante a guerra, o patriotismo, a disciplina, o espirito militar, o gosto pelo sacrificio e pela responsabilidade!

Desenvolvendo essas qualidades nos jovens soldados, terão prestado um grande serviço, não só ao exercito mas á França e á civilisação de que a França é e deve continuar a ser o fanal.

Medicos da reserva

Já havia sido enviado á redacção da «Defesa Nacional» o nosso artigo «Reapparecendo» quando nos foi remettido d'ahi do Rio por um nosso amigo, pelo qual nutrimos muito affecto, um retalho de jornal contendo o regulamento para a admissão nos quadros dos serviços de saúde e de veterinaria do corpo de officiaes de 2.^a classe da reserva da 1.^a linha do Exercito.

A nossa primeira impressão foi de um verdadeiro desapontamento.

Lamentamos não termos consultado uma pitonisa ou um hierofante para adivinhar o futuro.

Nós, que nos sujeitamos a exame, a multiplos requerimentos, a incommodos feitos a bons amigos, aos mil e um aborrecimentos, não podiamos calcular siquer que de uma hora para outra tivessem os medicos uma porta aberta para o officialato da reserva, sem maiores sacrificios e sem maiores difficuldades.

Cumpre-nos, porém, reconhecer com toda a lealdade que bôa foi a intenção do actual Governo em assim proceder.

Não podemos, pois, regatear os nossos louvores ao actual regulamento de admissão dos medicos para os quadros da reserva.

Pequenos senões contem o regulamento, que irão desaparecendo aos poucos.

O primeiro senão é o de não se exigir do candidato aos postos da reserva da 1.^a linha a prova de capacidade physica, comprovada em inspecção de saúde feita em qualquer corpo do Exercito por medico militar.

O 2.^o é o de não se exigir do candidato nenhum exame, theorico ou pratico, que demonstre os seus grandes ou pequenos conhecimentos.

Comprehende-se que desse exame sejam dispensados os professores cathedrauticos e substitutos de clinica medica ou cirurgica, de therapeutica, de pathologia ou de qualquer outra cadeira que se relacione directamente com a arte de curar.

Não vemos, porém, motivo para se equiparar á esses professores os delegados, inspectores e sub-inspectores de hygiene, com os postos mais elevados.

Esses funcionarios poderão entender muito bem dos assumptos referentes a hygiene, mas, como elles não são clinicos não ha razão para que elles sejam aproveitados nos melhores postos.

A 3.^a falha é o artigo 7.^o não estipular que na reserva da 2.^a classe da 1.^a linha só poderão aspirar á esses postos durante o periodo de tres annos de que tratam as disposições transitorias — os maiores de 30 e menores de 45 annos.

Não se comprehende que, estipulando taxativamente o artigo 14 do decreto n.^o 15.231 que serão transferidos para a 2.^a linha os capitães e subalternos maiores de 45 — possam os medicos que attinjam esse limite ser nomeados para a reserva da 1.^a linha.

Era mais razoavel que esses medicos fossem recrutados para a 2.^a linha.

O quarto senão é o desaccordo entre o artigo 12 do decreto 15.231 com o artigo 7.^o, § 1.^o do decreto 15.179.

O artigo 12 do decreto n.º 15.231 estabelece que o mais alto posto para o serviço medico da 2.ª classe da reserva da 1.ª linha no tempo de paz é o de major.

O artigo 7.º, § 1.º do decreto 15.179 dá, porém, as honras de tenente coronel aos medicos que satisfizerem as exigencias desse artigo e parágrafo.

Uma coisa que nos causou especie foi a inclusão dos dentistas no corpo de saúde da 2.ª classe da reserva da 1.ª linha até o posto de capitão.

Que irão fazer em caso de guerra os dentistas?

Si no exercito activo o quadro dos dentistas está em via de ser extincto, não se concebe a inclusão delles no quadro da reserva.

Sem desdouro para os mesmos, elles podiam ser muito bem aproveitados nas ambulancias e nos hospitaes como auxiliares dos medicos e podiam ser considerados aspirantes a officiaes.

Será que o Governo tem ideia de aproveitá-los n'um quadro especial como auxiliares dos medicos?

E' o que o futuro nos dirá.

São, como se vê, pequenos senões facilmente sanáveis e que, corrigidos, farão do regulamento um serviço quasi perfeito.

Digo de proposito — quasi perfeito — porque não podemos aspirar fazer regulamentos perfeitos para um paiz como o nosso.

Temos que adaptar os regulamentos europeos ás nossas condições especiaes. Assim foi o primitivo regulamento do serviço militar que já está quasi perfeito.

Com mais alguns retoques que virão corrigir os poucos defeitos de que se sente o actual R. S. M., poderemos attingir um gráo de relativa perfeição.

Não sei si os medicos acudirão ao apello do Governo, que facilitou aos mesmos a aquisição dos honrosos postos de officiaes da reserva de 2.ª classe do exercito da 1.ª linha.

Pela parte que nos toca, já cumprimos o nosso dever.

Apesar de já sermos 2.º tenente medico da 2.ª linha, que gosa de menor onus que os da reserva da 2.ª classe da 1.ª linha, requeremos a nossa transferencia para esta classe, visto nos considerarmos ainda moço.

Trinta e poucas primaveras, apesar de alguns cabellos brancos, ainda não nos tiraram de todo o entusiasmo pelas coisas militares.

Estamos convictos de que o Brasil só possuirá cidadãos dignos no dia em que todos os seus filhos, principalmente os oriundos de paes estrangeiros, tiverem passado pela caserna, onde possam conhecer os seus deveres e tiverem por outro lado conhecimento dos seus direitos.

Educando civicamente os nossos jovens patricios, podemos esperar que algum dia o voto seja uma realidade neste paiz onde os politicos profissionaes montaram as suas machinas eleitoraes que fabricam os nossos dirigentes á vontade d'aquelles que se apossaram desses aparelhos compressores da liberdade de voto e dos direitos do povo.

Trabalhem, pois, para que o Exercito possa receber cada anno o maior numero possivel de conscriptos que encontrem por sua vez nas casernas os são ensinamentos da honestidade, da justiça e da honradêz.

Não desanimemos. Luctemos dentro dos bons principios, com esforço, com tenacidade, sem desanimo, sem desfalecimento, que no dia da victoria final a Patria agradeça nos dará o premio que nos é devido.

E o maior premio que nos possa ser dado é a tranquillidade da consciencia pelo dever cumprido.

Itú, Fevereiro 1922.

Dr. B. Bicudo Almeida

2.º Tenente Medico da 2ª linha.

Cooperação da artilharia e da infantaria

São da «Revue d'Artillerie», numero de Janeiro, as seguintes palavras:

Chamamos a atenção dos artilheiros sobre as paginas consagradas pelo recente «Regulamento provisório de manobra da infantaria» (2.^a parte, titulo I, cap. IV) á questão capital da cooperação da artilharia e infantaria no combate.

A terminologia que emprega deve substituir, como mais recente, a da «Instrucção provisória sobre o serviço da artilharia em campanha», de 15 de Junho de 1919. Por este ultimo documento, as missões de apoio directo comportam o «acompanhamento» e a «protecção» (titulo V, cap. III, art. 1.^o *) e, de accordo com o Regulamento de Infantaria, são de «apoio directo» ou de «protecção» os tiros executados normalmente pela artilharia divisionaria, sendo reservada a expressão «tiros de acompanhamento» exclusivamente aos tiros executados pelos petrechos de acompanhamento, pertencentes á infantaria, ou por peças leves á disposição desta arma para uma missão temporaria.

Além disso, e aqui a questão é muito outra que a de simples palavras, o Regulamento provisório procura precisar o que a infantaria tem direito de esperar da artilharia da Divisão e da artilharia que momentaneamente lhe foi emprestada para o acompanhamento immediato. Restará para que seja tudo perfeito, diz em substan-

cia a «Revue d'Infanterie» de Novembro de 1921, a conquista da adhesão de alguns camaradas da artilharia, ainda refractarios ao emprego de pequenas unidades de 75 nas fileiras da infantaria. E é precisamente com essas peças de 75 que mais devem contar o coronel e o commandante de batalhão de infantaria, «dadas as lentidões e difficuldades de ligação com uma artilharia collocada a 3 ou 4 kilometros á retaguarda». A questão ficará inteiramente resolvida quando se dispuzer de uma rede de telegraphia sem fio ou de telephonia sem fio que funcione de uma maneira impeccavel, mas enquanto espera por isso, «a infantaria deve contar com o 75 como canhão de acompanhamento immediato e a artilharia deve preparar os seus quadros nessa ordem de idéas».

Experiencias de peças de 7,5 e 105

Logo após a guerra foi creada nos Estados Unidos a Comissão Westervelt para determinar, segundo os ensinamentos da guerra, os característicos a adoptar no futuro material de artilharia.

No numero de Junho do anno passado, já a «Defeza» traduzia da «Revue d'Artillerie» as primeiras noticias sobre dois typos de 75 apresentados á Commissão. E hoje fornece aos seus leitores os característicos das peças de 75 e 105 que se acham actualmente em experiencias em Aberdeen.

(*) N. 64, letra b da II parte do nosso R. 13 (N. do T.).

CARACTERISTICOS	75 em cargueiros M. 1920	75 de campanha		Obuz 105 de campanha	
		M. 1920	1920 M II	M. 1920	M. 1921
Comprimento em calibres.....	15	42	42	22	22
Peso do tubo com a culatra.....kg.	100	560	430	570	460
Velocidade inicial (gr. ex.).....	274	457(1)	457(1)	457	457
Peso da gr. explosiva.....kg.	6.800	6.800	6.800	15	15
Peso do shrapnell.....kg.	7.700	7.700	7.700	15	15
Peso carga (maxima).....kg.	0.230	1.360	1.360	1.470	1.470
Energia na bocca.....kg.	26.270	153.460	153.460	160.375	160.375
Typo do reparo (2).....	M	B	M	B	M
Inclinação maxima, grãos.....	45	80	45	80	45
Campo de tiro horizontal (total).....					8
.....grãos.....	5	30	10	30	
Alcance maximo (inclinação de 43°).....					10.900
.....m.....	6.000	13.100(1)	13.100(1)	10.900	
Comprimento normal do recuo.....					114
.....cm.....	63-38(3)	114-38(3)	107	114-76(3)	
Peso da peça e bateria.....kg.	380	1.630	1265	1.580	1.360
Peso da viatura-peça.....kg.	380	2.175	1790	2.040	1.890

(1) Com uma carga forte a velocidade pôde atingir a 600 m. por segundo e o alcance maximo vae a 13.800 m.

(2) M: monoflecha; B: biflecha.

(3) Recuo varivel.

Operações estratégicas offensivas

(Von der Goltz)

Escolha do ponto de reunião

Quando haja sido determinado o objectivo e apontada a sua direcção ás tropas, restará ainda fixar o ponto em que as tropas devem ser reunidas, o que é de uma capital importancia. Se ao chegarmos ao nosso objectivo, as tropas não estiverem em condições de operar ali com todas as suas forças, a operação falhou, porque não disporemos da necessaria superioridade para obter o exito.

Util seria que se pudesse, afim de evitar este inconveniente, ter desde o começo todas as forças reunidas, e fazel-as assim avançar. Isto, no entanto, só é possível em casos exceptionaes.

Com effeito, e preciso ter em conta a situação inicial, que não nos é dado modificar, e que, dadas as condições geographicas, por exemplo, impedirá a concentração de nossas tropas antes do começo das operações offensivas. Foi o que succedeu ao exercito prussiano em 1866.

Se se quizesse começar por concentrar todas as tropas numa base fundamental, antes de pô-las em movimento, isso redundaria em consideravel perda de tempo e talvez se houvesse modificado por completo, nesse espaço, toda a situação, o que retiraria o aspecto de realidade ás hypotheses em que haviam sido baseados os primeiros projectos. Tambem sabemos que toda a concentração de massas consideraveis é prejudicial ao exercito (1). Será talvez possível faze-las subsistir, se á retaguarda se dispõe de uma boa rede ferroviaria, mas o abastecimento d'agua será muito difficil (2). Porém, em qualquer situação, será necessario fracciona-las para a marcha, pela necessidade de attribuir-lhes sufficientes caminhos. Desde o momento que tal se faça, será preciso fixar o logar de reunião.

Para a escolha do ponto de concentração, achamo-nos em presença de dois grandes principios contraditorios:

Como se sabe, o principal representante do principio da reunião antes do campo de bata-

(1) N. do T. — Quando o general Bento Manoel foi batido no combate do Sarandy (12-10-25), todas as forças brasileiras, excepto pequena parte sob o commando de Bento Gonçalves, foram concentradas na Capella de Sant'Anna, no chamado Acampamento Imperial Carolina. Reunido o exercito num ponto tão afastado, pauperrimo de communicações e falta de tudo, o largo periodo de immobildade que se seguiu foi uma verdadeira hecatombe que, após um seculo, ainda nos enche de horror.

(2) N. do T. — Quem escreveu estas linhas fez, na ultima expedição á Bahia, parte de uma columna destinada a operar num territorio pobre de estradas e de aguas. O mesmo signatario destas linhas calculou então o abastecimento de agua para uma companhia de metralhadoras desfalcada (menos de 100 homens e cerca de 60 animaes), verificando que para trez dias de marcha seriam necessarios uns 90 cargueiros — só para o precioso liquido!

lha é Napoleão, que do seu exercito formava uma unica e compacta massa, antes de dar ao adversario o golpe rude e decisivo. Afim de não perder a vantagem da surpresa, tinha sempre o cuidado de encobrir a sua concentração com um grande obstaculo natural, que lhe servisse de mascara, como uma cordilheira, um rio, etc. O seu systema era definido por estas palavras: avançar em massa. Foi deste modo que reuniu o seu exercito em 1805, entre Donauwerth e Ingolstadt, atrás da ala direita dos austriacos, antes de atravessar o Danubio e cahir-lhes sobre a retaguarda, em Ulm.

Do mesmo modo, nos primeiros dias de Outubro de 1806, reuniu o seu exercito sobre o Meno superior, em Beyreuth, Bamberg e Schwoinfurth, para faze-lo avançar concentrado. Analogamente, em Abril de 1813, dirigio-se a principio, com as tropas que procediam do interior da França, para o baixo Saale, sobre Mersebourg e Weisenfels, onde se achava o vice-rei Eugenio com o resto do exercito francez da Allemanha. Fiel a seu principio, queria começar por formar uma só massa com todas as suas forças, para avançar depois na direcção de Leipzig e envolver a ala direita dos alliados, cujo exercito principal se achava ao sul da cidade.

O mesmo espectáculo se reproduz durante a propria campanha, em fins de Agosto, no momento em que o Imperador regressa da Silesia ao Elba, para travar a batalha de Dresden. Não deixou de marcar primeiro uma região de assembléa á sua tropa, em Stolpen, na frente do Elba e de Dresden, para marchar dali com todas as forças reunidas.

Ainda na sua ultima campanha, a de 1815, começou por uma reunião rapida de todas as tropas, que se achavam ao longo da fronteira do Norte, na direcção de Charleroi. Depois, lançou, rapidamente e reunidas, as massas contra os pontos em que se achava o exercito prussiano, a que defrontava.

O methodo seguido por Frederico II, no começo da campanha de 1757, bem como pelo exercito prussiano em 1866, antes de Sadowa, é completamente diverso do de Napoleão. Nestes casos, são columnas que avançam separadas contra o inimigo, escolhendo seu ponto de reunião no centro da zona que o adversario occupa. Vemos tambem este systema applicado em 1870, em Worth, Orleans e Mans, pelos exercitos allemães. O representante deste principio foi o marechal Moltke, que operou a reunião, sobre o proprio campo de batalha, de columnas que até então marchavam separadas.

Tanto o principio de Napoleão como o de Moltke têm dado os melhores resultados, visando ambos o mesmo objecto, que é levar ao campo de batalha forças superiores, para realizar uma acção commum.

Um escriptor de autoridade, mesmo depois de 1870, emittio opinião (Conde de York) de que o principio de Moltke era inferior ao de Napoleão. Nós somos obrigados a reconhecer que ambos têm o mesmo valor. Cada um delles corresponde a uma situação claramente definida, e não se pode arbitrariamente escolher um ou outro.

A Austria tinha, em 1866, no que diz respeito á mobilisação, vantagens sobre a Prussia. Este alcance devia ser coberto, precipitan-

do a mobilisação e a concentração dos prussianos que procediam de Este e Oeste do paiz.

Se quizesse Moltke reuni-las inicialmente numa região unica do territorio prussiano, perderia ainda um certo tempo.

O ponto natural de concentração, a que poderiam ter chegado com a maior rapidez todas as tropas, estava na frente da fronteira, na Bohemia, na bacia do Elba superior. Certamente, o inimigo chegou a postar-se nesta região antes do exercito prussiano, porém não chegou a ella com o «exercito inteiro», pois que alguns de seus corpos ainda estavam em Londenburg, ao sul da Moravia. As fracções do exercito prussiano mais afastadas, que procediam de Dresden e de Neisse, isto é, as que deviam fazer um caminho mais longo, ainda chegaram a tempo. A marcha em frente, de todas as columnas até Gitschin foi decidida, por consequencia, não por acaso, deixando o exito na dependencia da maior ou menor sorte que se tenha, mas após madura reflexão, como recurso necessario, imposto pela configuração desfavoravel do territorio prussiano.

Segue-se, pois, que podemos escolher o ponto de concentração no interior da zona occupada pelo inimigo, sob a condição de que este não possa estabelecer-se lá, com forças superiores, antes de nós.

O principio napoleónico, de formar uma compacta massa antes de iniciar a marcha decisiva, offerece a vantagem de que, se a situação é diversa da que se havia imaginado, todas as tropas estarão na mão e o perigo se tornará menor. Foi o que succedeu a Napoleão em 1806, quando não encontrou os prussianos em sua frente, na estrada de Leipzig a Berlim, mas os descobriu inesperadamente em seu flanco esquerdo, atrás do Saale.

No entanto, a marcha de massas compactas impõe ás tropas um augmento de fadigas, de males e de perdas.

O exercito de Napoleão ficou aniquilado em 1813 por effeito da marcha e contra marcha de suas massas compactas. Tanto em 1859 como em 1866 os austriacos soffreram muito pelo mesmo motivo.

Quando o inimigo logra evitar o golpe que se lhe quer dar, como Blücher o fez com exito por duas vezes, em Agosto e começos de Setembro de 1813, o exercito em massa vê-se obrigado a abandonar a partida, ou a fraccionar-se ante o adversario. E ambas as soluções são excepcionalmente más.

Por ultimó, faremos notar que para realizar a concentração avançando, precisamos dispôr de consideravel extensão de terreno. Se o inimigo se mantem proximamente a nossa frente, a reunião não poderá ser operada sinão sobre a primitiva base. Isto exige a realisação de marchas de flanco, as quaes, se não apresentam os inconvenientes que geralmente lhes attribuem os tratados de arte militar, não podem deixar de produzir, dada a proximidade do inimigo, surpresas, confusões e combates isolados que não eram de nossos calculos.

Se imaginarmos, tal como se dá na Europa Central, os exercitos contrarios fortes de algumas centenas de milhares de homens, estendidos ao rebenlar a guerra ao longo das fron-

teiras (3), em presença um do outro, facilmente se comprehende que não haverá no caso o sufficiente espaço para operar a concentração das massas, antes de atira-las sobre as posições inimigas. Comprehende-se ainda que tal concentração deve verificar-se no decorrer da luta.

A reunião que se realiza no interior da zona occupada pelo inimigo permite ao exercito marchar até ao ultimo em columnas separadas. Se o adversario retrocede, um novo ponto de reunião, mais afastado, pode ser designado ás tropas. Esta disposição permite a subsistencia e o movimento das massas. O perigo, inherente ao proprio principio, é que uma das columnas possa ser derrotada pelo adversario que surja subitamente entre ellas, antes que as outras possam vir em seu auxilio. Geralmente, basta que uma só columna soffra um contratempo, que seja dirigida mal ou com pouca resolução, para que todas as outras sejam obrigadas a recolher-se. Uma das vantagens da offensiva, que consiste em ficar victoriosa com o exito obtido num unico ponto, transforma-se então em desvantagem, vindo a fracassar em consequencia da derrota soffrida tambem em um unico ponto. Aliás, quanto maior for a zona em que estiver distribuido o exercito, menos se fará sentir a autoridade do general e mais independentes se acharão os subordinados.

Assim, pois, a maneira de actuar destes influenciará grandemente no resultado geral. A reunião não chegará a realisar-se devidamente, se todos os generaes, ou a maioria delles, não operarem energicamente, com circumspecção e de accordo absoluto com as idéas do generalissimo. Poderá succeder facilmente que este succumba pelas faltas d'aquelles. Em 1866, no momento em que o exercito prussiano penetrava na Bohemia, um dos generaes commandante de corpo de exercito não esteve á altura de sua missão, mas o exercito nem por isso deteve sua marcha — o que teria acontecido se outro dos generaes tivesse dado provas de incapacidade, como, por exemplo, se o general Steinmetz tivesse agido em Nachod como Bonin em Trautenau. E' preciso que o generalissimo conheça seus subordinados e possa contar com elles em absoluto. E', além disso, necessario que as tropas não comprehendam elementos pouco coesos ou mal constituídos, porque neste caso, ao menor contratempo, pode occorrer a dispersão de alguns corpos. Foi o que succedeu ao exercito de Audinot, a 23 de Agosto de 1813.

Na batalha de Grossbeeren, a dispersão das tropas de Reynier teve como consequencia a retirada de todo o exercito, que avançava em trez columnas.

As tropas de qualidade inferior ganham se se as mantêm concentradas, de modo que a marcha de frente, com massas compactas, offerece solidas garantias contra os accidentes funestos. Quem não esteja bastante seguro de suas tropas deve empregar este processo (4).

(3) N. do T. — Vistas á conflagração de 1914.

(4) N. do T. — Num theatro de operações pobre de estradas, num exercito que incorpora uma densa massa de reservistas provenientes das sociedades do Tiro de Guerra, com uma grande porção de officiaes de reserva de mediocre preparo e numerosos dilettantes da activa...

Agora, a marcha de frente em columnas separadas assegurará frequentemente um exito muito completo, porque é esta a melhor maneira de surprehender o inimigo. Com effeito. Quando elle se vir atacado de varios pontos simultaneamente, difficilmente discernirá qual o ataque mais importante, o que lhe trará alguma demora em tomar uma resolução e em obrar com energia; tambem o perigo a ameaçar de todos os lados, será causa de confusões e origem de erros. Finalmente, este processo, se bem executado, conduzirá ao envolvimento do inimigo dentro do proprio campo de batalha, o que constitue a melhor disposição para o ataque tactico, dado o effeito das armas actuaes.

O ponto de reunião do exercito deverá ser escolhido pelo systema napoleonico, ou pelo systema opposto? Ao generalissimo cabe a resposta. Só o golpe de vista militar poderá distinguir qual dos dois é exigido pela situação, que será diversa em cada caso particular. Mas, não se deve perder de vista que aqui não se tem por objecto averiguar qual o «princípio» a applicar, mas, levar todas as forças ao campo de batalha, para que operem reunidas contra o adversario.

F. Paula Cidade
1.º Tenente.

Instrucções de quadros nos regimentos de artilharia montada

Se muito lucrou o Exercito com a adopção dos novos regulamentos, em geral, o mesmo, parece, não aconteceu com o R. I. Q. T.

Este regulamento, com effeito, destruiu, sob o ponto de vista da instrucção, duas verdadeiras conquistas alcançadas por aquelles que não pouparam esforços para elevar o Exercito a um nivel compativel com o nosso gráo de evolução.

Refiro-me ás «Directivas de exames» e á parte do R. I. S. G. revogados por aquelle regulamento.

Deixando de parte as «Directivas» que, virtualmente, não poderão desapparecer, porque sómente mais ou menos nellas inspirados poderão os Majores completar o seu julgamento sobre a instrucção da tropa que commandam, o que lhes é permitido por causa da liberdade com que ficaram para a organização do programma de exame, — não devemos deixar passarem despercebidos os inconvenientes do R. I. Q. T. no que diz respeito á distribuição das responsabilidades nos assumptos de instrucção.

O numero de officiaes designados pelo regimento para as differentes e varias mis-

sões deixa logo ver a incompatibilidade do regulamento com a nossa actual organização e, tambem, com a deficiencia no nosso quadro de inferiores, não só em numero como em qualidade.

Em um R. A. M. de 2 grupos o regimento designa:

1 official para instrucção de especialidades, 1 dito para equitação de officiaes, 1 dito para gymnastica e esgrima para officiaes, 1 dito para equitação de sargentos, 1 dito para gymnastica de sargentos, 1 dito para o pelotão de candidatos a cabos, 1 dito para o pelotão de candidatos a sargentos e 1 outro para a instrucção de tiro (tiro simulado) para officiaes; sejam 8 officiaes.

Ora, todos sabemos como se acham desfalcados os quadros não só de officiaes como, principalmente, de sargentos, dos quaes alguns se acham na E. A. O. na E. A. M. e em outros destinos.

Accresce ainda que, salvo excepções, o nosso sargento não póde substituir os officiaes na instrucção da tropa, sendo os seus serviços apenas de auxiliares e monitores.

O regimento tira, assim, dos grupos e das baterias elementos que lhes são essenciaes e entrava de modo prejudicial o progresso da instrucção dos mesmos.

Nestas condições, o resultado que se pretende alcançar na instrucção de quadros não é atingido e o mesmo aconteceria com a das baterias se não fossem os esforços e dedicações dos officiaes pelo preparo de suas unidades. Mas a esses officiaes nenhum tempo fica restando para o seu estudo pessoal, trabalho em gabinete, tão indispensavel á sua cultura geral e ao seu preparo como profissional.

Qualquer dos regulamentos, R. I. Q. T. ou R. I. S. G., recommenda a educação desportiva do official. Mas com o primeiro (salvo se entregar a instrucção inteiramente aos sargentos) o unico modo de obter o adestramento *ininterrupto* na equitação, gymnastica, esgrima, etc., é fazer equitação duas vezes por semana, gymnastica e esgrima uma vez por semana e equitação ousada (caça) 2 vezes por mez e isto durante o anno inteiro.

Como se vê esse adestramento *ininterrupto* é illusorio.

Com a parte do R. I. S. G. revogada, cujas prescripções, sempre por varios motivos (perturbações na instrucção, defi-

ciencia de quadros e de elementos materiaes, etc.) não podíamos cumprir de um modo perfeito, mas que já eram observadas com razoavel regularidade até o grupo e o batalhão, a divisão do trabalho e do tempo, diz-me a propria experiencia, eram mais racionalmente feitos dando certamente melhores resultados.

A equitação ininterrupta, dada pelo Fiscal, ou Capitão por elle designado (1), diariamente entre os dois tempos de instrucção, durava tres mezes, e após o respectivo exame, tinham começo os exercicios de caça uma vez por semana, os quaes tinham mais ou menos a mesma duração. Os exercicios de bateria, de quadros no terreno e da escola de grupo e, finalmente, as manobras, obrigavam os officiaes a uma equitação continua, mais util e mais proveitosa do que com a escola de equitação e a caça durante todo o anno.

A equitação e a gymnastica para sargentos eram dadas na propria bateria que, em qualquer dos dois assumptos tinha as differentes turmas: de recrutas (conductores e artilheiros), de promptos e de graduados e inferiores.

Os candidatos a cabos e a sargentos eram preparados nas proprias baterias e submettidos a exames pelo regimento.

Pela forte correnteza dos nossos regulamentos deixou de ser arrastada uma instituição verdadeiramente archaica e cuja organização e programma são incompativeis com esses mesmos regulamentos.

Quero referir-me ás escolas regimentaes.

Estas escolas exigem grandes sacrificios de professores e alumnos e quasi nada produzem, porque seu programma e organização não acompanharam a evolução e são incompativeis com o actual tempo de serviço.

A escola regimental daria os melhores resultados se fosse convenientemente transformada em uma escola para cabos e sargentos; do contrario os grandes esforços empregados pelo seu director e auxiliares resultarão inuteis.

(1) Antes de ser distribuido o R. I. Q. T. o 1.º R. A. M. deixou a instrucção de equitação dos officiaes com os Comtes. de Grupo e esta é a melhor solução para o caso.

Os trabalhos indispensaveis no picadeiro não pôdem ser feitos com mais de 16 cavalleiros.

O regimento se encarregava dos exercicios de caça.

E não se diga que são pequenos esses esforços:

O director trabalha o dia inteiro na instrucção de sua bateria e, se não reside perto do quartel, deverá regressar ao quartel logo após o jantar sufficientemente fatigado, ficando, assim, sem o direito de ter lar, religião, sociabilidade, etc.

Com os auxiliares a cousa não é melhor com a aggravante de que estes não têm, como os officiaes, o necessario e indispensavel conforto offerecido por um *Casino*.

Que resultado poderemos esperar conseguir de esforços intellectuaes exigidos de homens cançados de um trabalho diurno intenso em horas que o corpo pede descanso?

Com o extraordinario desenvolvimento adquirido pela instrucção, e agora augmentado pelos nossos regulamentos, o reduzido tempo de serviço e o nivel medio de intellectualidade dos nossos conscriptos é de todo impossivel obter qualquer resultado palpavel sem uma remodelação na escola regimental. As partes mais geraes poderiam ficar sob a direcção de professores civis da municipalidade aos quaes o Conselho Administrativo daria uma gratificação.

O programma approved pelo decreto n.º 10.198 de 30 de Abril de 1913 dá bem a entender que essa escola se destina a preparar sargentos com a sua (B) Escola de 2.º gráo ou de graduados e (C) Escola de 3.º gráo ou de sargentos.

Mas em 1913 estavamos no exercito profissional e alguns homens podiam frequentar alguns annos seguidos a escola regimental. Hoje com o exercito nacional, o excessivamente reduzido tempo de serviço nas fileiras e os desfalques nos quadros, ao lado dos modernos regulamentos, aquelle programma tornou-se obsoleto.

Muito melhores resultados serão certamente alcançados com menores sacrificios se conseguirmos fazer a necessaria remodelação aqui indicada.

Quanto ás escolas de analphabetos, poderiam estas continuar com as baterias, pois, os resultados alcançados são muito satisfactorios, conseguindo-se todos os annos reduzir de cerca de 50 % o numero de analphabetos.

A instrucção quanto á cavallaria

E' o corpo de officiaes, como sabemos, que fôrma o Exercito em tempo de paz e que desenvolve toda sua potencia em tempo de guerra.

Isso será bastante para que possamos avaliar a importancia que modernamente assumio a instrucção do official.

Os exercitos modernos são providos de materiaes os mais aperfeçoados e para cuja applicação judiciosa não bastaria um preparo superficial, visto como della dependerá não raro a integridade e a honra do paiz, bem como milhares de vidas.

«Le temps du général de parade est passé a tout jamais, et, même dans des situations moyennes, le simple routinier succombera devant l'esprit hardi qui sait où il va — *Falkenhauseu*».

E, como disse von Bernhardt, «il faut exiger du général en chef moderne et des autres chefs superieurs qu'ils soient des *theoriciens* de la guerre (au moins a la manière d'un Clausewitz) pour pouvoir être des *praticiens habiles*».

Nestas condições, será preciso proporcionar ao candidato ao officialato da cavallaria, primeiramente uma instrucção theorica aprofundada, tendo por base um preparo scientifico conveniente e uma solida instrucção moral, e depois uma instrucção pratica racional.

A instrucção theorica deverá comprehender o estudo de noções de estrategia e historia militar, principalmente do proprio paiz, depois do estudo consciencioso de humanidades, de tactica geral e de sua applicação ao caso especial da cavallaria.

Em seguida, será preciso um curso theorico-pratico, que poderá ser de um anno, em escola especial, tal curso tendo por objectivo a applicação pratica, na carta e no terreno, dos conhecimentos militares adquiridos no curso theorico, e o burilamento dos conhecimentos de equitação.

Finalmente, como corôamento da instrucção, o official aprimorará o seu preparo no serviço regular da tropa, em que sua funcção principal deverá ser a de instructor das praças e instruendo de seus superiores hierarchicos, tendo isso por fim firmar-lhe os attributos precisos para a missão de conductor das tropas na guerra.

Completarão essa instrucção os exercicios phisicos e a educação moral, que terão por fim preparar o corpo e a alma do official para o rude desempenho de suas missões na guerra.

O preparo do official de cavallaria é um problema delicado a resolver, pois sua missão na guerra cada vez se torna mais complexa, não se podendo comprehender um official de cavallaria sem um preparo solido e um descortino de vistas privilegiado.

São principalmente a sua intelligencia e o seu caracter que se precisam preparar, pois que, dizia Napoleão, «ce n'est pas un genie que me revèlè tout à coup, en secret, ce qui j'ai a dire ou a faire dans une circonstance inattendue pour les autres, c'est la *reflexion*, la *meditation*».

Na guerra ha a considerar grandezas de duas especies — grandezas *moraes* e grandezas *materiaes*.

No geral, segundo disse o general Foch, nas escolas militares só se visa a *materia*, d'onde os estudos exclusivos do terreno, da fortificação, do armamento, da organização, da administração, de bases mais ou menos sabias, mas referentes apenas á parte *terrestre* da arte da guerra.

Quanto á parte *divina*, a que resulta da acção do homem, disse o mesmo mestre, se a menciona tão por alto que não se a póde comprehender nem explicar. «A peine l'entrevoyait-on dans des études historiques traitées a grands coups de brosse, de l'histoire a la manière d'Alexandre Dumas, série d'exploits extraordinaires, inexplicables et inexplicables, si l'on n'admettait l'existence de causes mystérieuses, tenant du prodige ou de la fatalité, comme le genie incompreensible de l'Empereur ou même son étoile».

Dahi o facto do ensino conduzir naturalmente ao fetichismo e ao fatalismo, á negação do trabalho, á inutilidade de uma cultura intellectual, ao entorpecimento do espirito.

«On était doué ou on ne l'était pas; on avait l'étincelle ou on ne l'avait pas; il fallait d'ailleurs aller sur le champ de bataille pour la savoir».

O despertar de semelhante sonho, disse ainda o general Foch, foi 1870 «que nos deu por adversarios os espiritos formados pelo ensino da historia, pelo estudo de casos concretos, porque desde o começo do seculo foi desse modo que Scharn-

horst, Willisen e Clausewitz formaram o commando do exercito prussiano. Para conhecer e comprehender a guerra, elles não se haviam limitado a gyrar em torno do utensilio com que a iriam fazer, a lhes desmontar as partes materiaes, sem dar conta do homem. Elles estudaram no livro da historia, conscienciosamente analysada, um exercito, tropas em movimento e em acção, com suas necessidades, suas paixões, suas fraquezas, seus devotamentos, sua capacidade de toda especie».

Effectivamente, por muito tempo predominára como axioma — que a guerra não se aprende senão na guerra — o que fazia renunciar a todo trabalho prévio, mas esse tempo passou, pois que não seria possivel fazerem-se guerras para aprender-se.

O bom senso demonstra que é preciso entrar na guerra já com preparo, pois que adquiril-o nella seria fatalmente um desastre.

Por isso, disse ainda o general Foch: «La réalité du champ de bataille est qu'on n'y étudie pas; simplement on fait ce que l'on peut pour appliquer ce qu'on sait. Dès lors, pour y pouvoir un peu, il faut savoir beaucoup et bien».

Portanto, a base do estudo terá de ser a historia. Mais a experiencia de guerra falta a um exercito, disse o general de Peucker, mais importa recorrer á historia da guerra como instrucção e como base dessa instrucção... Posto que a historia da guerra não possa absolutamente substituir a experiencia, ella poderá comtudo preparal-a. Na paz, ella se torna o *verdadeiro meio de aprender a guerra e de determinar os principios fixos da arte de guerra*.

Esse ensino se faz sob a fórma de uma *theoria* da guerra, que se póde ensinar, e sob a fórma de uma *doutrina*, que se terá de praticar.

Por essas palavras será preciso comprehender, diz o general Foch, a *concepção* e a *execução*, não de uma *sciencia* da guerra, mas de uma série de *principios* indiscutíveis, se bem que de *aplicação variavel*, segundo as circumstancias, e orientadas sempre em um mesmo sentido, o *sentido objectivo*.

E, segundo Jomini «bôas *theorias*, fundadas sobre *principios verdadeiros* e justificados pelos *factos*, são, a nosso ver, juntas ás lições da historia, a verdadeira

escola do commando. Se ellas não fazem um grande homem, porque os grandes homens se fazem por si mesmos, quando as circumstancias os favorecem, ellas formam pelo menos chefes assás habeis para occuparem o segundo plano, sob as ordens dos grandes generaes».

Donde conclue o general Foch que «a arte da guerra, como todas as outras artes, tem sua *theoria*, seus principios, sem o que não seria uma arte».

O essencial será que o ensino desses principios não se torne simplesmente platonico, mas sim uma solida base para a pratica complementar, pois que conhecer os principios da guerra sem saber applical-os seria inutil.

E' essencial a applicação constante dos principios, pois que só ella será capaz de desenvolver o juizo, o character, a faculdade de agir racionalmente.

De facto, bem disse o general Peucker: «Quando um homem de guerra tem o sentimento intimo de ser esclarecido, quando elle sabe que por meio da instrucção adquirida poderá orientar-se facilmente nas mais difficeis situações, seu character se firma; elle adquire a faculdade de tomar a proposito uma resolução nitida e de pol-a praticamente em execução».

Ao contrario, todo homem que tem consciencia de sua ignorancia ou da necessidade de conselhos alheios é sempre indeciso, perplexo, e está prestes a desmoralisar-se.

As qualidades de character são sem duvida as principaes em um guerreiro, mas onde poderá conduzir a energia, *se não se fôr assás instruido para conhecer qual o fim a attingir e os caminhos que a elle conduzem?*

Será preciso, pois, formar o juizo e a decisão.

Disse Moltke: «O ensino dos conhecimentos militares tem sobretudo por objectivo levar o discipulo a *pôr em valôr* sua bagagem intellectual, isto é, a *theoria* que se lhe ensinou. Uma tal acção reciproca e vivificante não se poderá produzir quando um se limita a ensinar e os outros a escutarem».

Ella se produzirá, ao contrario, naturalmente, quando o professor juntar ás suas lições technicas *exercicios* no correr dos quaes as *materias ensinadas sejam applicadas a casos particulares*.

O methodo consistirá, pois, em dar primeiro a theoria e em seguida a sua applicação a casos particulares.

Entre estes dois termos — concepção scientifica e arte de commandar — ha um abysmo, que o methodo de ensino deverá permittir que os alumnos transponham, se elle quizer merecer o nome de *methodo pratico*, disse Peucker.

Será preciso, então, que o methodo consista em passar da concepção scientifica á arte de commandar, da verdade conhecida e possuida á execução pratica dessa verdade, como disse Foch.

Para isso, disse o mesmo mestre — um ensino *pratico*, comportando a applicação a *casos particulares* de principios fixos, tirados da historia, em vista de preparar a *experiençia*, de ensinar a arte de commandar, de proporcionar, finalmente, o habito de agir correctamente sem precisar raciocinar.

Na guerra nunca se encontrarão duas situações perfeitamente eguaes; ha sempre uma variação, no terreno, no estado physico e moral das tropas, nas condições tacticas, etc.

Seria por isso absurdo querer encontrar a solução dos casos que se apresentam por meio de schemas.

A unica solução justa e racional que se impõe é a applicação (variavel segundo as circumstancias) dos principios fixos.

Mas, para que essa variabilidade não perturbe a unidade de doutrina, que é o essencial, mistér se torna que se observe que a concordancia renascerá na applicação dos principios fixos aos casos variados desde que se estabeleça uma mesma maneira de considerar o caso.

De uma mesma *maneira de olhar*, resultará uma mesma *maneira de vêr*, e da maneira commum de *vêr* a mesma *maneira de agir*.

O essencial é considerar a situação de uma maneira puramente objectiva, disse o general Foch.

Na guerra tudo se encadeia, se penetra; não se faz o que se quer, disse o mestre. Cada operação tem uma *razão de ser*, isto é, um *objecto*, que uma vez determinado, fixará a natureza e o valôr dos meios a empregar.

Esse objecto, em cada caso, disse Foch, é a resposta á famosa exclamação de Verdy du Vernois ao chegar ao campo

de batalha de Gitschin: «Au diable l'histoire et les principes! Après tout, de quoi s'agit-il?»

Effectivamente: é preciso primeiro saber *de que se trata*, para depois applicar-se o que *se sabe*.

Foi o que fez Verdy du Vernois. Mas essa applicação exige o conhecimento dos meios.

Por isso disse Foch: «Isto nos explicará como, antes de passar ao emprego de tropas de todas as armas, será preciso conhecê-las, saber maneja-las; egualmente o *terreno*, 4.ª arma á nossa disposição: é preciso saber o que elle contem, para nelle achar-se o que se procura quando se o tiver fixado. O mesmo quanto á *fortificação*, que não é mais do que o reforçamento desse terreno para a defensiva. Por isso se justifica a necessidade, ao lado da tactica geral, de um ensino da technica de cada uma das armas e seus processos».

A tactica, como a estrategia, mais não é do que um trabalho de *character* e de *bom-senso*, mas para chegar-se ao terreno com esses predicados será preciso desenvolvê-los, mediante exercicios frequentes e possuir-se, como base, um estudo militar preparatorio sufficientemente desenvolvido e harmonico.

Será preciso adoptar-se um unico criterio — a razão — recusando-se toda solução contraria ao bom-senso ou á natureza real das cousas.

O segredo da guerra consistirá em — reflectir primeiramente, decidir com firmeza e agir com rapidez.

Para isso, encarar sempre as questões com os olhos da intelligencia; jámais apenas com os olhos materiaes do rosto.

Só assim se conseguirá a *doutrina* ou a *disciplina intellectual*, isto é, a mesma maneira de vêr, resultante de uma mesma maneira de abordar o caso — objectivamente — e a mesma maneira de tratá-lo em seguida — adaptação dos meios ao fim visado, ao objecto, segundo Foch.

N. Val.

Art. 7.º dos Estatutos. — Aos redactores effectivos cabe a responsabilidade da edição, aos collaboradores a das opiniões que emittirem em seus artigos.

O MARECHAL HAIG E A CAVALLARIA

Inaugurando, a 10 de Outubro do anno passado, em Canterbury, um monumento aos mortos da guerra, o marechal Douglas Haig pronunciou um discurso manifestando a sua fé na cavallaria, sua arma de origem.

Essa homenagem do bravo marechal á arma de cavallaria representa um culto á verdade e deverá sobremodo reconfortar a todos aquelles que pertencem á legendaria arma, victima, se bem que passagiramente, de criticas menos justas.

Disse o marechal que via com grande pesar dissolverem-se regimentos de cavallaria, se bem que comprehendendo as razões de ordem economica que indicavam tal providencia, pois que elle não formava ao lado daquelles que affirmam ser a cavallaria uma arma morta e que o sangue e a carne do cavallariano possam ser sempre substituidos pelo petroleo e pela machinaria.

Felizmente, disse elle, tem a esperanza de não ser o unico a pensar dessa fórma, nem na Gran-Bretanha nem nos paizes estrangeiros, pois que decididamente ainda não se chegou á epocha que permite dispensar a cavallaria, visto como, se as lições da ultima guerra forem devidamente comprehendidas, teremos de chegar forçosamente á conclusão de que «a cavallaria é sempre uma arma essencial, mesmo em uma guerra européa, e mais especialmente ainda para um exercito *imperial*, tal como o exercito britannico».

Sem desconhecer nem diminuir o valor das outras armas, o marechal disse que carros de assalto, aeroplanos, canhões pesados e tantos outros meios de matar que a sciencia moderna produziu, são todos elles indispensaveis tambem; mas, como afinal de contas elles não tem valor senão pelo *homem*, elles não poderão ainda eliminar o *cavallo*, que, nas mãos de um cavalleiro habil e adextra-do, faz parte integrante do proprio homem.

Demais, o desenvolvimento dos meios de transporte mechanico de toda especie, empregados em vista do combate e do reaprovisionamento, bem pôde offere-

cer novas occasiões do emprego da cavallaria, buscando nella a potencia necessaria para vencer resistencias locais e improvisadas e proseguir seu esforço no tempo e no espaço.

Referindo-se á propria guerra européa, disse elle que ella offereceu pelo menos uma occasião em que a cavallaria seria decisiva. De facto, que teria succedido a 27 e 28 de Março de 1918 se Ludendorff tivesse podido lançar uma tropa de cavallaria adextra contra as linhas anglo-francesas a léste e ao sul de Amiens?

Eis ahi, disse o marechal, uma possibilidade que ninguem poderia considerar sem a maior anciedade. Mas Ludendorff havia transformado sua cavallaria em infantaria e não dispoz de tropas montadas nessa occasião opportuna, em que só ellas poderiam ter exito.

Do lado britannico, apenas havia 3 divisões de cavallaria, em um exercito de 60 divisões, mas, no decorrer da batalha, essas 3 divisões de cavallaria realisaram um trabalho inapreciavel, não porque ellas ultrapassaram em bravura e habilidade ás demais armas, mas porque tal trabalho só podia ser realisado pela cavallaria.

A necessidade de cavallaria, disse elle, tornou-se tão premente na direita da linha ingleza, na frente do III corpo de exercito, onde a ligação com os francezes esteve seriamente ameaçada, que algumas das unidades dissolvidas durante o inverno, na occasião da redução da cavallaria ingleza de 5 a 3 divisões, foram rapidamente remontadas com cavallos de toda especie e proveniencia que se puderam reunir e correram á batalha.

Quando chegou o momento de avançar, passada a crise, a cavallaria ingleza retomou o seu papel e só a falta de effectivos deu margem a que seus successos não tivessem maior brilho.

Mais uma vez se confirmaram as palavras do general Langlois: «Toda nação deverá ter uma cavallaria tão numerosa quanto o permittam, de um lado os recursos financeiros do paiz, e de outro sua população cavallar. Nunca se terá cavallaria de mais».

Transferidores para a Artilharia

(Continuação)

I — DESCRIÇÃO

O transferidor é um semi-circulo feito de celluloides transparente com graduações circulares de 10 em 10. Ao centro do semi-circulo, com a inscripção «*Batterie*», está preso um cordel destinado á leitura daquellas graduações. Os numeros das graduações de 0-3200 se acham no lado exterior do arco do circulo — se o transferidor estiver deitado com as palavras invertidas, e de 3200-6400 sobre o lado interior — se elle estiver deitado ao contrario.

A graduação está de accordo com as dos apparatus de pontaria e instrumentos de observação da artilharia.

A terceira graduação interior serve para a medida de afastamentos angulares e para a organização dos planos de bateria.

A partir do centro, para a direita e para a esquerda, está disposta uma escala millimetrica destinada á medida das distancias.

Os quadrados e rectangulos, existentes no instrumento servem para a exacta collocação do mesmo na direcção Norte-Sul da carta.

Encontra-se, além disso, um quadriculado na escala de 1:25.000 com 100mm.² de 1-25 sobre a superficie, o qual serve para a exacta designação de objectivos.

II — USO DO TRANSFERIDOR

1. Para a pontaria de uma bateria pela carta.
2. Para a determinação da declinação magnetica de um lugar.
3. Para a determinação de um lugar no terreno.
4. Para o tiro ás maiores distancias lateraes entre a posição de fogo e o observatorio.
5. Para o estabelecimento do plano de uma bateria.

1. Pontaria de uma bateria pela carta.

A posição da bateria e o objectivo ou a direcção inicial será marcados na carta com um ponto vermelho. O transferidor

será collocado sobre a carta de maneira que fique na direcção Norte-Sul e que o seu ponto central coincida com a posição da bateria, e o semi-circulo, conforme a situação do objectivo ou da direcção inicial, na direcção Oeste ou Este.

A divisão relativa ao objectivo ou á direcção inicial será então, tomada com o cordel vermelho. A essa divisão se subtrah ou se addiciona, respectivamente a declinação Oeste ou Este da divisão da bussola relativa á posição de fogo. O limbo da bussola será collocado com a agulha azul sobre esse numero e as peças collimadas pelo modo conhecido.

2. Determinação da declinação de um lugar.

De um ponto na carta e no terreno, nitidamente fixavel, incidir-se-á com o limbo da bussola um segundo ponto, tanto quanto possivel afastado e, do mesmo modo, na carta e no terreno, nitidamente fixavel e nota-se o numero marcado pela agulha. A graduação correspondente a esses dois pontos se determina sobre a carta com o transferidor, partindo-se da linha Norte-Sul. A differença entre os dois numeros dá a declinação do lugar.

3. Determinação de um lugar no terreno.

De uma dada estação na carta procurar nesta um ponto visivel no terreno.

Collima-se com a bussola o ponto procurado e fixa-se a agulha, leva-se em conta a declinação e obtem-se, assim, o numero correspondente no transferidor. O ponto procurado ficará na linha por esse modo fixada na carta.

4. Determinação do afastamento lateral para a posição do fogo, no caso do observatorio ficar lateralmente muito afastado, para a frente ou para a retaguarda.

A posição de fogo, a do observatorio, a direcção inicial ou do objectivo serão marcados na carta com um ponto vermelho ou desenhados em escala na folha de informações. O afastamento lateral do objectivo será medido com luneta ou goniometro da direcção inicial ou alvo auxiliar ou do observatorio, a distancia ao novo objectivo, avaliada e transportada em escala sobre essa linha na carta ou folha de informações e determinados com o transferidor a direcção e a distancia relativas á bateria.

5. Estabelecimento de um plano de bateria.

A posição de fogo será fixada com auxilio do transferidor por meio de medida ficando o transferidor com a linha central na linha Posição-Direcção inicial e fixado com percevejo na carta. Empregando-se a terceira graduação circular interior estará a bateria preparada para agir.

(Continúa)

Major Parga Rodrigues.

Nota. — A firma Petersen & Heins, Ltd. pede-nos informar aos nossos leitores que mandará amostras dos differentes typos de transferidores de artilharia aos Corpos que as solicitarem para experiencia.

A Redacção.

Da Provincia

S. Paulo. Peço-vos benevolencia no acolhimento das notas seguintes do que tenho aqui observado.

De vez em quando lemos ou ouvimos queixas de que em Goyaz, Matto Grosso ou Piauhy faltam taes e taes recursos.

Pois bem, no unico corpo do Exercito existente nesta progressiva e muito culta cidade, que é Capital de São Paulo, a situação não é das melhores.

Felizmente ha poucos dias chegou o nosso novo Commandante, que é uma esperanza para este *Batalhão Provinciano*, que em 1918 teve seu periodo aureo, porém agora lhe falta muita cousa. Actualmente o 4.º B. C. dispõe apenas de 3 officiaes subalternos, sendo um 1.º tenente, que se acha commandando a 1.ª companhia, cumulativamente com outras funcções, como instructor dos candidatos a officiaes de Reserva, existentes no Batalhão; um 2.º tenente exercendo as funcções de subalterno, secretario e instructor do pelotão de candidatos a cabo; finalmente, outro 2.º tenente commandando a 2.ª companhia e tendo a seu cargo a Escola Regimental, tendo de passar o dia no Quartel, vindo ainda á noite para o mesmo, afim de dar aulas. São apenas esses 3 subalternos que se acham na escala de official de dia!

Sargentos temos poucos. Graduados não temos.

Quanto ao elemento soldado, é bom... porém, o Batalhão acha-se bastante incompleto, pois além de termos 60 soldados destacados em Tres Lagôas, ainda ha pouco tiraram-nos 130 homens, afim de completar o effectivo do 6.º R. I. em Caçapava!

Ficou o nosso Batalhão incompleto, apesar de ser o unico corpo da Região que fornece os innumerados empregados do Quartel General, as guardas diarias do Hospital Regional, serviço de ordens, etc., tudo isso com grande prejuizo da instrucção.

Ainda de vez em quando temos guardas de honra á autoridades militares e civis que por cá passam.

E' muito justo que ao menos os demais corpos da Região, concorram tambem com os empregados do Quartel General e as guardas do Hospital.

Quando o Rei Alberto esteve aqui, foi preciso mandar vir de Caçapava cerca de 200 soldados, e no anno passado para as guardas de honra ao Snr. Presidente da Republica, vieram 5 segundos tenentes, ainda do 6.º R. I., tudo para que o nosso Batalhão pudesse ser apresentado de maneira soffrivell!

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

Medicina Militar — n. 7. — Janeiro de 1922.

Union Ibero-Americana — Diciembre — Madrid.

Hoje — n. 174.

Revista de la Escuela Militar. — Assumpção. — n. 55 e 56.

Lembrette do Cmte. do Grupo — Tets. Domingos Netto Velasco e Ed. Pires Campello.

A Guerra da Independencia — Tte. Amílcar Salgado dos Santos.

Hoje — ns. 155, 156 e 157.

Revista Militar — n. 1 — Lisboa.

O Marujo — n. 9.

Revista Maritima Brasileira — n. 8. — de Fev.

Revista de Medicina e Higiene Militar — n. 12 — Dezembro de 1921.

Memorial del Ejército — Chile. — Fevereiro.

Memorial del Ejército — Perú — Julio 1921. — Numero extraordinario.

Evolução — n. 68.

Memorial del Ejército de Chile — Fevereiro 1922.

Notas sobre Historia Militar do Brasil

Resumo da Guerra do Paraguay

Assumindo o commando da tropa, o tenente-coronel Joaquim Mendes Guimarães, em um aranco de desespero, lançou-se a 24 do referido mez através dos brejos e macegaes, proseguindo a marcha com a columna, até que no Corixo de Madre teve de estacar deante de uma valla de grande profundidade e 30 braças de largura.

O obstaculo era desanimador, mas... era preciso transpol-o.

Ordenando o avanço, a testa da columna, lançando mão de fachinas, conseguiu atravessar o terrível obstaculo, mas o resto da tropa, desatinado, teve de lançar-se no lamaçal fetido e putrido, allí ficando para sempre sepultadas mais de 100 pessoas, atoladas até o pescoço, inclusive varias creanças cujas mães não tiveram forças para salvar.

Em sua maioria, as viaturas se perderam tambem no atoleiro.

A mesma scena, infelizmente, ainda se reproduziu pouco adiante, na passagem do Corixo da Cangalha, até que, 10 dias depois de penosa marcha, a columna pôde attingir Tabôco (Boca dos pantanaes) completamente exausta e estarrapada, ahi encontrando, afinal, algum repouso e alguns recursos, isso a 3 de Julho.

Nessa occasião chegou de Cuyabá o coronel José Joaquim de Carvalho, que assumio a 13 de Julho o commando da columna, conforme lhe fôra ordenado.

Consequindo, se bem que a custo, restabelecer as energias do pessoal, grandemente abaladas pelos soffrimentos supportados, avançou elle a 5 de Setembro rumo do rio Aquidauana, cuja passagem se realizou de 7 a 13 do mesmo mez.

Passando a 14 pelo acampamento que os paraguayos haviam abandonado, em sua retirada iniciada para a linha do rio Apa, a expedição chegou no dia 17 a Miranda, depois de 525 dias de marcha, a contar de Santos, e de um percurso de 2.480 kilometros!

A 1 de Janeiro de 1867, chegou ao acampamento o coronel Carlos de Moraes Camisão, nomeado substituto do coronel Carvalho, que se havia retirado a 28 do mez anterior, com parte de doente.

A columna expedicionaria, dizimada nas penosas marchas e no proprio acampamento do Coxim pelas febres e paralyxia reflexa, estava reduzida a 1.600 homens apenas.

O novo chete reorganizou as tropas, formando com ellas 1 brigada, constituída pelo 21.º batalhão de Minas Geraes, 20.º de Goyaz, 17.º de Voluntarios de Minas Geraes e corpo de caçadores a pé, sendo este formado pelas praças dos corpos de cavallaria de São Paulo, Goyaz e Matto Grosso, cujos cavallos haviam morrido de peste no trajecto de Coxim a Miranda.

A brigada dispunha ainda de 4 canhões raiados, puxados por bois, unica especie de tracção que havia.

Depois da columna ter permanecido 113 dias na villa de Miranda, cujas condições eram pessimas sob o ponto de vista de salubridade e mais ainda porque os paraguayos a haviam saqueado e incendiado as melhores habitações, o coronel Camisão decidiu proseguir a marcha, destacando previamente os engenheiros militares Catão Roxo e Escragnolle Taunay para reconhecerem a estrada de Nioac e prepararem nesse ponto o novo acampamento.

Partindo a 11 de Janeiro, a columna attingio Nioac a 24 do mesmo mez, depois de uma penosa marcha de 210 kilometros em 14 dias, tallecendo logo de chegada o capitão Lomba, do 21.º batalhão, que marchára doente.

Os paraguayos já haviam abandonado esse ponto desde o dia 2 de Agosto de 1866, mas não o fizeram sem antes incendiarem tudo quanto foi possível, tendo apenas escapado ao fogo a igreja e duas pequenas casas.

O coronel Carlos Camisão anejava por poder vingar a affronta dos paraguayos e, além disso, tinha o seu amor-proprio espicado pelas acres censuras do povo de Corumbá, povoação que, como commandante do 2.º de artilharia a pé, elle havia abandonado por occasião da invasão, acompanhando a conducta reprovada do commandante das armas, o coronel Carlos Augusto de Oliveira.

Nessas condições, apesar do insignificante effectivo de que dispunha, resolveu elle agir com energia, mas a indecisão natural do seu temperamento continuamente o embaraçava no momento da execução de seus projectos.

Entretanto, um velho sertanejo, José Francisco Lopes, conhecedor profundo da zona e cuja familia durante sua ausencia, havia sido aprisionada pelos paraguayos, era frequentemente consultado pelo coronel Camisão e exerceu sobre elle uma certa influencia.

Na esperanza talvez de salvar a familia, que lhe constava achar-se internada na villa de Horquêta, a 7 leguas de Conceição, offereceu-se elle para guiar a expedição, offerecimento que foi accedido pelo coronel, que bem conhecia a honradez e a experiencia do velho sertanejo.

Assim, a columna, aligeirando-se, pois recebera ordem para uma ausencia apenas de 30 dias, avançou a 25 de Fevereiro de 1867, acampou a margem do rio Nioac, chegou a Canindé a 26 e a 27 no Desbarrancado, onde estacionou durante dois dias, attingindo o rio Feio a 2 de Março.

No dia seguinte, ahi chegou José Francisco Lopes com 250 rezes, que fôra buscar em sua fazenda do Jardim para abastecer a expedição, e no dia 4 a expedição chegou á colonia militar de Miranda, que o invasor tambem havia incendiado antes de abandonar.

Os invasores nunca se contentavam com o saque das povoações; faziam questão de destruil-as tambem pelo fogo.

Tomando as providencias que julgou necessarias, o coronel mandou reconhecer as estradas que iam ter á colonia, bem como os pontos que se prestavam ás emboscadas, fez occupar as estradas do lado do rio Apa e guarneceu as entradas da colonia, estabelecendo ainda o serviço de segurança na frente e retaguarda do acampamento.

Entretanto, não tardou que a situação da columna se mostrasse critica, pois que os recursos escassejavam de dia para dia, e o coronel Camisão arreteceu nos seus primitivos projectos de offensiva.

Mas, não querendo assumir a responsabilidade de renunciar a elles por si só, dirigio a 23 de Março um officio ao tenente-coronel Juvencio Cabrai de Menezes, chefe da commissão de engenheiros, dizendo que precisava ouvir a opinião da commissão a respeito da possibilidade e oportunidade de um movimento offensivo e sobre o melhor modo de executal-o.

Reunidos os seus companheiros, o tenente-coronel Juvencio submetteu á consideração delles o referido officio.

As opiniões dividiram-se logo, achando uns, mais experimentados e praticos, que seria temeridade o avanço da columna quando tudo lhe faltava, e outros, em menor numero, entendendo que era preciso avançar, a despeito de tudo, pois que a columna recebera uma dada missão e era preciso cumpril-a, porque desse cumprimento poderiam resultar beneficios para as demais tropas que agiam no sul.

Tomando, por fim, a palavra, o tenente-coronel Juvencio opinou pelo regresso da columna, á vista da falta de viveres, mas por uma dessas coincidencias notaveis, exactamente nesse momento percebeu-se o vozerio dos tropeiros do guia Lopes, que entravam com uma grande ponta de gado.

Encerrando, então, a sessão, o tenente-coronel Juvencio ordenou ao tenente Taunay que dissesse ao coronel Camisão que a commissão era unanime em reconhecer a possibilidade da marcha para a fronteira e apressava-se em offerecer-lhe todo o concurso de sua boa vontade.

E, terminando estas palavras, exclamou elle: «Deixarei uma viuva e 6 orphãos, mas não de herdar um nome honrado».

A 25 de Março, o tenente-coronel Juvencio, com o 21.º batalhão, fez um reconhecimento até o logar denominado Retiro, a 26 km. de distancia, nada encontrando de novo, e a 10. de Abril o tenente-coronel Galvão, á frente do 17.º, fez outro reconhecimento mais para a fronteira, acompanhado do guia Lopes e de um grupo de indios, com o mesmo resultado.

Mas no dia seguinte appareceram no acampamento 10 cavalleiros brasileiros, um dos quaes era filho do guia Lopes e outro genro.

Esses brasileiros, que haviam sido aprisionados pelos paraguayos e internados em Horquêta, souberam da approximação da columna brasileira e por isso, apossando-se de bons cavallos paraguayos, vieram reunir-se a ella, informando então que as melhores fortificações do rio Apa eram apenas simples estacadas de madeira em Bella Vista, guarnecidas por cem ou duzentos homens, commandados pelo major Martino Urbiêta, e que as outras eram fracas, mas que o governo paraguayoy, prevenido da expedição brasileira, ia mandar reforços e recomdára aos destacamentos que se retirassem, sem aceitar combate, destruindo tudo quanto não pudessem carregar.

Essas informações, como era natural, causaram grande alegria e desde logo todos pensavam apenas em avançar para o Apa, o que foi feito a 14.

Fez a vanguarda de columna o corpo de caçadores, seguido do 21.º com 1 bateria de 2 canhões raiados puxados por bois, do 20.º, com 1 bateria analoga, e, finalmente, do 17.º de Voluntarios.

A' retaguarda da columna marchavam as bagagens e os negociantes com suas carrêtas e no flanco esquerdo os carros de munição de guerra e de boca e o gado.

Transposto o rio Miranda, alguns elementos da columna pelo vão e outros por uma ponte construida pelo tenente Nobre de Gusmão, a columna acampou a 16 no Retiro, onde foram notados indícios de que a columna era vigiada pelo inimigo.

A 17 a columna acampou n'um local outr'ora occupado por uma fazenda, dali avistando, para o lado de oeste, a fronteira do rio Apa, e a 18 foi visto um destacamento paraguayoy em exploração, e que se retirou ao avistar o 17.º de Voluntarios.

No dia seguinte, o 21.º batalhão, que fazia a vanguarda, fez uma descarga contra um grupo de paraguayos que acabavam de destruir a ponte do rio Taquarussú, conseguindo, após 1 hora de trabalho, restabelecer a ponte, proseguindo-se a marcha.

Transposto o mattagal existente nas immedições do rio, a columna detrontou com um destacamento inimigo de cavallaria, fleugmaticamente apeado n'uma coxilha, de onde observava a columna.

Os paraguayos, que calculavam em 6.000 homens o effectivo da columna brasileira, só então comprehendiram a fraqueza real do adversario, que se atreva a invadir a fronteira do Paraguay sem uma base de operações, sem recursos, sem cavallaria, e até sem esperança de reforço!

O coronel Camisão, mandando lançar uma granada no destacamento paraguayoy, este montou rapidamente a cavallo e desapareceu, a columna, depois disso, so avistando o inimigo quando attingio Machorra, já na fronteira.

Acampando nesse ponto, proximo á confluencia do Sombreiro com o rio Apa, a columna ahi recebeu 2 officiaes brasileiros que, por Camaquan, foram encorporar-se a ella.

Avançando no dia seguinte, 20, o 17.º batalhão, que fazia a vanguarda, achou-se inesperadamente em frente á fazenda de Machorra, que alguns paraguayos ainda estavam destruindo, enquanto uma forte linha de atiradores froteiava com o batalhão brasileiro, que aliás havia perdido a ligação com o grosso da columna, retardado em consequencia dos pessi-mos caminhos, que difficultavam a marcha das carrêtas. Entrêtanto, ao verem o 17.º tomar disposições para o ataque, após transpôr o arroio Machorra, os paraguayos fugiram, carregando o que puderam.

Proseguindo a marcha, a columna transpoz no dia seguinte o rio Apa, em frente a Bella Vista, os paraguayos ahi alojados lançando fogo ao quartel e casas do povoado e indo bivacar pouco adeante, á vista da columna.

Instalando-se em Bella Vista, já em territorio paraguayoy, o commandante da columna ordenou que o 20.º de infantaria avançasse contra o destacamento paraguayoy bivacado, mas este recusou a lucta, retirando-se lentamente. Em

seguida, officiou ao governo no Rio de Janeiro e ás autoridades de Matto Grosso e Goyaz, participando a entrada em territorio inimigo.

Ahi começou a columna a experimentar de novo a falta de gado para reabastecer-se, sem que pudesse lançar mão do gado paraguay existente nas immedições por falta absoluta de cavallaria para esse serviço.

Debalde o commandante procurou servir-se de sua infantaria. A cavallaria adversaria obstava a operação e não cessava de vigiar attentamente os movimentos da columna.

O 17.º batalhão, avançando ate legua e meia de Bella Vista, no dia 25, rumo dos destacamentos paraguayos, deixou amarrada a uma bandeira branca a seguinte proclamação, por ordem do coronel Camisão:

«Aos paraguayos — A expedição brasileira tala-vos como amigos. Seu fim não é levar a devastação, a miseria e as lagrymas ao vosso territorio. A invasão do norte, assim como a do sul de vossa republica, não tem outro fim senão reagir contra uma injusta aggressão de nacionalidade. Será bom que um dos vossos officiaes venha entender-se comosco. Poderá retirar-se quando quizer; bastará para isso o declarar.

O commandante da expedição jura sob sua honra e sob a religião que ambos os povos professam que garantirá a plena segurança para o homem de coragem que tiver essa confiança. Havemos, como inimigos, atirado sobre vós com os nossos canhões; agora queremos communicar comvosco na qualidade de amigos, que podemos vir a ser. Apresentae-vos com a bandeira branca e sereis recebidos com todas as attenções que as nações civilizadas devem-se umas ás outras, mesmo estando em guerra.»

No dia seguinte, foi encontrada a seguinte resposta á proclamação citada:

«Ao commandante da expedição brasileira: — Os officiaes do exercito paraguay sempre estão promptos a receber todas as communicações que se lhes queira mandar; mas no estado de guerra aberta, tal qual existe entre a Republica e o Imperio, é sómente com a espada na mão que nos é permittido tratar comvosco.

Vossos tiros de artilharia não nos offendem; e quando recebermos a ordem de fazel-os calar, ha no Paraguay terreno bastante para as manobras dos exercitos republicanos.»

As difficuldades da expedição augmentavam de dia para dia, pois que a cavallaria paraguay não permittia o arrébanhamento do gado necessario á tropa, de modo que o coronel Camisão resolveu tomar uma providencia decisiva.

Alguns refugiados aventaram a idéa do avanço para uma fazenda denominada Laguna, propriedade do dictador Solano Lopez, a 26 km. apenas de Bella Vista, que constava possuir grande quantidade de gado e alguns officiaes, mais trefegos e entusiasmados, lembravam mesmo a conveniencia do avanço para Conceição, a despeito das possiveis reacções do adversario.

Decidindo, afinal, marchar para Laguna, o coronel Camisão levantou acampamento a 30 de Abril, estacionando nesse dia já a 1 legua de distancia, nas margens do rio Apa-mi, e no dia seguinte attingindo a fazenda da Laguna, que foi encontrada completamente destruida pelo inimigo, que a havia incendiado, desaparecendo

assim completamente as ultimas esperanças do commandante da columna, pois que apenas o 21.º batalhão conseguira, por acaso, apossar-se de 50 cabeças de gado.

Comtudo, o coronel Camisão quiz dar uma ultima prova de energia, antes de realizar a retirada que se impunha, de modo que o adversario se convencesse de que os brasileiros não retrocediam por medo.

Assim, sabendo que a 42 km. de Bella Vista havia uma trincheira inimiga, denominada *Rinconada*, ordenou o coronel Camisão que o alferes Pacheco de Almeida, á frente de 30 indios, reconhecesse essa posição.

Avançando para o ponto designado, o alferes Pacheco o encontrou abandonado, invadindo a trincheira.

Chegára, então ao auge a penuria da columna. era impossivel proseguir no avanço, porque tudo lhe faltava.

A' vista disso, o coronel Camisão resolveu a retirada, iniciando-se a epopéa conhecida na historia pelo nome de *Retirada da Laguna* e que constitúe um dos episodios mais brilhantes e mais commovedores da historia do mundo inteiro!

Antes, porém, de inicial-a, o bravo coronel Camisão quiz dar ainda uma demonstração de que não temia o adversario, para o que ordenou um ultimo ataque ao acampamento paraguay.

Foi assim que a 6 de Maio o major José Thomaz Gonçalves, á frente do 21.º batalhão de infantaria, e o capitão Pedro José Rufino, á frente do corpo de cavallaria, desmontado, e 1 boca de fogo, atacam de surpresa pela madrugada o acampamento inimigo, occupando-o depois de lucta porfiada.

Retornando á lucta, depois de reforçados, os paraguayos passaram pelo dissabôr de uma nova derrota, pois que as tropas brasileiras tambem haviam sido reforçadas pela artilharia da columna.

Depois dessa prova, iniciou-se a retirada, isso a 8 de Maio de 1867.

Considerações

Sob o ponto de vista puramente theorico, a expedição ordenada pelo governo brasileiro contra o norte do Paraguay encontraria um fundamento logico se ao commando respectivo fossem deferidos todos os recursos necessarios para a realisação efficiente do seu objectivo.

Atacar a republica paraguay simultaneamente pelo norte e pelo sul, obrigando-a a dividir seus esforços para direcções divergentes representava, de facto, uma medida intelligente.

Entretanto, considerando o problema sob o ponto de vista pratico, de sua solução, a expedição foi desastradamente concebida e os factos o demonstraram de sobejo, como vimos.

A expedição começou por ser organizada com elementos longinquamente rebuscados nas provincias de Minas, São Paulo-Goyaz, sem a necessaria cohesão, com a instrução deficiente e treinamento nullo em relação á envergadura da operação, desprovida dos elementos essenciaes a uma vida propria, e tendo de operar através de extensas regiões em que o despovoamento era completo e a carencia de recursos quasi absoluta.

A distancia a percorrer era demasiadamente exagerada, 2.480 kilometros entre Santos e Miranda apenas, e os caminhos existentes, coalhados de obstaculos de toda a especie que a natureza abrupta apresentava, não permittiria, de certo, que o movimento se realisasse dentro dos limites de tempo opportunos.

Comtudo, as ordens foram cumpridas, iniciando-se a penosa marcha cuja descripção acabamos de fazer e cujos tropeços mais graves começaram a surgir com a obstinação do coronel Manoel Pedro Drago em alterar por sua conta o itinerario prescripto pelo governo, sem que pudesse justificar-o por uma prova convincente do acerto com que agira.

E' verdade que o governo designára um itinerario theorico, resultado de um estudo da carta cujas deficiencias são por demais conhecidas, mas o coronel Drago, por sua vez, não tratou de corrigir a falha mediante o reconhecimento gradativo dos itinerarios, como se impunha, tendo apenas como fraca desculpa a escassez quasi completa de cavallaria em sua columna.

Durante o commando do coronel Carlos Camisão, que os paraguayos alcunharam de «Cabeça Pellada», não pequenos foram ainda os erros commettidos, se bem que quasi todos tivessem plena justificação na situação angustiosa em que sempre se encontrava o denodado chefe, tendo sobre os hombros o peso enorme de uma responsabilidade grande e sentindo-se sem os recursos que se tornavam imprescindíveis e cuja falta só o stoicismo excepcional da legendaria columna brasileira poderia supportar.

Os paraguayos comprehenderam perfeitamente a situação e tanto assim que apenas se limitaram a oppôr á columna brasileira um destacamento de 1.600 cavallarianos com a ordem positiva de estabelecerem o vácuo em torno della, pois que viram desde logo que seriam as proprias agruras da natureza selvagem daquellas zonas inhospitas que quebrariam os ultimos arcanos da energia máscula do bravo punhado de brasileiros, como de facto aconteceu.

A proclamação dirigida pelo coronel Camisão aos paraguayos, após invadir o territorio inimigo, foi um gesto difficil de explicar-se, a não ser admittindo que o bravo commandante quizesse adquirir os fóros de um guerreiro generoso no momento em que se considerava com a chave da situação nas proprias mãos, mas os termos altaneiros da resposta demonstraram que o inimigo não se illudia com as palavras, bem informado como estava, e confiava cegamente na acção desenvolvida pelo seu trefego chefe supremo, felizmente batido em toda linha tempos depois pelas tropas irmãs das que compunham a patriótica e abnegada columna do coronel Camisão.

Retirada da Laguna

Decidida a marcha retrograda da columna heroica que tantos males supportára para honrar o Brasil, iniciou-se ella a 8 de Maio de 1867.

Chegára o momento que o adversario anciosamente aguardava para activar a prática dos seus processos favoritos de guerra.

Comprehendendo a situação, os paraguayos tomaram alento e trataram logo de anticipar-se á columna brasileira para crearem os obstacu-

los que se tornaram celebres nessa jornada angustiosa, se bem que cheia de heroismo enorme.

Marchou na vanguarda o corpo de caçadores, na testa do grosso as carrêtas, em seguida os corpos de infantaria com a artilharia e nos flancos o diminuto gado de que ainda dispunha a columna.

Mal fôra iniciada a marcha quando repentinamente a vanguarda sentiu-se atacada por um piquete de cavallaria emboscado nas mattas lateraes do caminho, o incidente provocando um certo desequilibrio na tropa e principalmente em um grupo de mulheres que acompanhavam os soldados.

Restabelecida, porém, rapidamente a ordem, foram os atacantes rechassados até as proximidades da fazenda da Laguna, onde fizeram alto, resistindo por algum tempo apcados, emquanto elementos a cavallo procuravam attrahir para longe do grosso da columna parte do corpo de caçadores que mais resolutamente tomára a offensiva, o que já iam conseguindo, quando o capitão José Rufino, que marchava com o grosso do corpo á frente da bagagem, percebeu a situação e, pedindo reforços ao commando da columna, avançou immediatamente com os elementos de que dispunha em socorro dos companheiros, chegando no momento opportuno.

Os paraguayos, simulando uma retirada, fizeram meia volta repentinamente e carreparam com verdadeira furia sobre a vanguarda brasileira, que, desorientada a principio, formou em seguida uma serie de pequenos quadrados em torno de seus officiaes, graças á acção decisiva e energica do capitão Rufino, sustentando o combate e conseguindo apoiar-se a uns capões de matto, até que chegando os reforços foram os paraguayos rechassados.

Os brasileiros tiveram nesse combate 14 mortos e 61 feridos, entre os quaes o joven soldado Laurindo José Ferreira, que lutára peito a peito com 4 inimigos, ficando com o corpo retalhado de golpes de espada e lança. Os paraguayos tiveram uns 30 mortos e varios feridos.

Depois de enterrados os mortos, a columna continuou a marcha, o corpo de caçadores, reforçado com um canhão, conservando-se na vanguarda, o 17.º fazendo a retaguarda e o 20.º e 21.º, no centro, escoltando as bagagens, á direita e á esquerda.

Como medida de segurança, cada corpo destacou uma linha de flaqueadores, visto como os paraguayos, dispondo de uma bateria de artilharia de calibre 3, aproveitavam-se de todos os pontos convenientes do terreno para hostilizar a columna, apezar do grande mal que lhes causavam sempre os canhões La Hitte, raiados, calibre 4, da columna brasileira.

Depois de um percurso de 17 kilometros, sempre accidentado, n'uma atmospheria continua de polvora e de poeira, a columna avistou ao pôr do sol o morro da Margarida, tendo sido escolhido para ponto de estacionamento a matta existente á margem direita do Apa-mi.

O adversario, porém, precedendo a columna, transpuzera o rio, destruíra a ponte e assestára sua artilharia enfiando o caminho, procurando deter a tropa brasileira.

Entretanto, com poucos disparos, a artilharia brasileira os rechassou, desmontando mesmo uma de suas peças, enquanto os engenheiros restabeleciam a ponte, por onde em seguida a columna transpoz o rio e occupou o ponto desejado, bivacando já noite escura.

Proseguindo o avanço a S, sempre no meio das difficuldades anteriores, a columna acampou a 9 na altura de Bella Vista, os officiaes e praças não podendo occultar a grande tristeza experimentada ao verem fracassados tantos esforços feitos para o successo completo da offensiva iniciada.

Nessa noite chegou ao acampamento o tenente da Guarda Nacional Victor Baptista com 12 soldados, vindos de Miranda, e declarando que de Nioac nenhum comboio partira em auxilio da columna e que apenas algumas carrêtas de commercio, com viveres, haviam chegado a Machôrra, a maioria das quaes retrocedera para Nioac por imaginarem perdida a columna brasileira.

Receiando que o inimigo se apossasse do comboio em Machôrra, o coronel Camisão ordenou que o tenente Baptista com tres companheiros se dirigissem áquelle ponto, a 10 kilometros de distancia, e dissessem ao comboio que marchasse immediatamente para Nioac. Entretanto, os 4 bravos brasileiros, cercados em caminho pelo inimigo, não puderam cumprir a missão, morrendo na lucta o tenente Baptista e os irmãos Hyppolito e Manoel Ferreira e apenas escapando, se bem que ferido, o quarto d'elles, o filho do guia Lopes.

A's 6 horas da manhã do dia 11, com o auxilio de uma ponte construida previamente, a columna transpoz o rio Apa, regressando assim ao territorio nacional.

Destruida em seguida a ponte, a columna avançou na seguinte ordem: o 17.º na vanguarda, o 20.º no centro, á sua esquerda o corpo de caçadores, e na retaguarda o 21.º.

Não descansando, porém, nas suas investidas, os paraguayos, por volta das 11 horas, surprehenderam a columna. Um destacamento de infantaria, que estava emboscado, atirando-se furiosamente contra o 17.º, ficou entre este e a linha de atiradores da vanguarda, em cujo momento numerozinhos grupos de cavallerianos inimigos carregaram contra a columna, levando a principio tudo de vencida.

Restabelecida, porém, a ordem, os corpos formaram quadrado, com a artilharia nos angulos, e o trefego adversario foi detido nas suas furiosas cargas, enquanto o gado, espavorido, precipitou-se de encontro ao batalhão da retaguarda, desorganizando-o, o que o commandante paraguayos aproveitou para carregar com sua cavallaria, em 2 columnas, contra esse batalhão, que, entretanto, resistio de bayoneta calada, rechassando o atacante. Nesse combate, os brasileiros tiveram mortos o tenente do 17.º Joaquim Mathias de Assumpção Paestrina e mais 144 homens, e os paraguayos 184 mortos, entre os quaes 2 officiaes.

O unico paraguayos aprisionado, e que estava com uma perna quebrada, interrogado, disse que o destacamento atacante era commandado pelo major Martin Urbieta; que o corpo que chegára de reforço dispunha de 800 homens e que outros reforços já estavam em marcha.

Interrogado se Curupaity havia sido tomado, respondeu «não». E Humaytá? Respondeu «Jámais».

Este combate descripto foi o mais importante da retirada, calculando-se terem tomado parte nelle 1.600 brasileiros e 1.400 paraguayos.

A perda do gado determinára nova crise na columna, que ainda se achava muito distante de Nioac e que de certo seria precedida nesse ponto pelos terriveis paraguayos, se para lá se dirigisse, como pretendia.

Nessas condições, o coronel Camisão aceitou o conselho do guia Lopes, que se propuzera guiar a columna para sua fazenda do Jardim, a 31/2 dias de viagem de Nioac e a S. O. desse ponto, sendo a distancia entre o Apa e Jardim apenas de 6 leguas.

A marcha foi encetada a 1 hora da tarde, os batalhões formando em quadrado, o 20.º no centro e com este o commandante da columna.

Mal começara a marcha quando os paraguayos hostilizaram a columna, collocados nos altos das coxilhas, o que obrigou o guia Lopes a orientar o movimento por fóra do caminho de Machôrra, dirigindo-se para um morro de onde a artilharia pôde contrabater o adversario com successo, fazendo calar sua artilharia. Entretanto, espesso macegal difficultava o movimento e os paraguayos procuraram incendiar-o nessa tarde.

A columna acampou proximo ás nascentes do ribeirão José Carlos e já nesse dia apenas se puderam abater 4 rezes para a alimentação das tropas, cujo consumo diario era de 22.

No dia 12 foi a marcha proseguida pela manhã, os paraguayos então se conservando á retaguarda da columna, que teve de fazer alto numa pequena collina, ao cahir da tarde, porque os bois que puxavam as carrêtas affrouxaram de cansaço.

Aproveitando-se desse incidente, os paraguayos atearam fogo ao macegal, ficando a columna cercada pelo incendio e só se salvando graças á pericia com que o guia Lopes e outros conseguiram neutralisar a acção mortifera do incendio e da fumaça.

Comtudo, morreu um soldado asphyxiado e varios outros ficaram queimados.

Chuvas torrencias sobrevindas detiveram a columna ate a manhã de 14, ocasião em que a marcha foi reencetada, depois dos officiaes e praças terem abandonado suas bagagens para aligeirarem o movimento, o guia Lopes tendo o cuidado de contornar um desfiladeiro onde os paraguayos aguardavam a columna, se bem que á custa de um trabalho insano para abrir uma picada através de espessa matta, e ao cahir da tarde a columna acampou n'uma collina de onde teve de desalojar previamente o adversario.

Proseguindo a 15, a columna marchou todo o dia sob a pressão do fogo de fuzilaria e do incendio ateado pelo inimigo, conseguindo acampar á tarde, sempre hostilizada, transpoz o ribeirão das Cruzes a 16, continuando sempre o movimento periodico, então difficultado pelo apparecimento do «cholera», novo flagello a supportar pelos retirantes, as carrêtas se enchendo de doentes e os fallecimentos se multiplicando, até que a 22 a columna estacionou nas margens do rio da Prata, affluente sul do rio Miranda.

Desse ponto, o coronel Camisão destacou 2 estafetas para Nioac, ordenando ao commandante da praça que transportasse para legar seguro as munições, viveres e archivos e destacasse o capitão Martinho com todo o pessoal disponível para emboscar-se nas mattas, afim de deter o adversario.

Continuando depois a marcha morosamente, sempre hostilizada pelo inimigo, a columna transpuz o rio da Prata a 25, já tendo perdido até então 200 homens, victimados pelo cholera.

Multiplicando-se as baixas, os soldados já não podiam mais transportar os doentes em padiolas e o coronel Camisão, depois de consultar a officialidade, inclusive os medicos, decidiu, com pezar indescriptivel, abandonar os cholericos na matta, o que foi feito á noite.

Nada menos de 122 cholericos foram deixados em uma clareira préviamente preparada, onde se deixaram affixadas as seguintes palavras: «Graças para os cholericos».

Nessa madrugada, foi atacado do mal o tenente-coronel Juvencio, a sentinella do quartel-general suicidou-se por ter sido tambem atacada do mal e falleceu o filho do guia Lopes.

Comtudo, a columna avançou a 26, ouvindo pouco depois cerrada fuzilaria e vindo-se a saber que os paraguayos haviam fuzilado os cholericos, um dos quaes, fugindo a custo, conseguiu alcançar a columna.

Nesse dia adoeceu o coronel Camisão e falleceu o tenente Miró. O guia Lopes tambem se sentiu mal.

Foram collocados em um galpão o coronel Camisão, o tenente-coronel Juvencio e o guia Lopes e, quando o Dr. Gesteira quiz medicar o coronel, este se recusou, dizendo: «Vá tratar dos soldados, doutor; eu sou um homem morto».

A 27 a columna attingio o rio Miranda, morrendo ahi, já á vista de sua casa, que se divisava na margem opposta do rio, o bravo e denodado guia Lopes, que tantos serviços prestára até então.

Tratava-se de atravessar o rio e a empreza não era facil, dada a sua largura e a sua correnteza, não se podendo cogitar do lançamento de uma ponte.

Nessa situação, alguns nadadores intrepidos se lançaram á agua, conseguindo alcançar a margem opposta, não encontrando indicios do adversario e verificando que a fazenda do velho Lopes estava cercada de um lindo laranja.

Trazendo essa noticia ao acampamento, os nadadores estimularam o appetite de seus camaradas e muitos delles se lançaram ao rio, pe-recendo na travessia.

O coronel Camisão, apezar de moribundo, ordenou a occupação da margem opposta do rio, cabendo essa missão penosa ao bravo corpo de caçadores, que a executou com brilhantismo, tendo o seu commandante á frente, servindo-se este de uma «pelota».

No dia seguinte, o cholera dizimou mais gente ainda dos que haviam permanecido na margem esquerda do rio e a passagem ainda não se podia realisar porque a enchente continuava.

Nesse dia falleceu o bravo coronel Camisão, cujas ultimas palavras foram: «Fazei seguir as forças: eu vou descansar», e tambem o tenen-

te-coronel Juvencio, sendo ambos sepultados de-baixo de uma arvore grande existente na matta, um ao lado do outro.

Seria difficil descrever a angustia da tropa deante dos corpos inanimados desses dois heróes, que já haviam inscripto com letras de ouro seus nomes venerandos nas paginas da historia!

Chegou a hora do novo commando da columna e a sua designação se tornou complicada. O tenente-coronel Antonio Enéas Gustavo Galvão era apenas tenente do Exercito commissionedo em tenente-coronel e o major J. Thomaz Gonçalves era capitão commissionedo em major.

Resolvendo a situação com altruismo, o tenente-coronel Galvão deu parte de doente, re-cabindo o commando da columna no major Gonçalves, solução que sobremodo agradou a toda a officialidade.

Já nessa occasião as aguas do rio haviam baixado, permitindo que se atravessasse uma corda de uma a outra margem, estabelecendo-se assim as communicações, o que permittio o transporte das laranjas, que os soldados saboreavam ávidamente e que milagrosamente veio debellar a terrivel epidemia.

Baixando uma ordem do dia significativa ao assumir o commando da columna, o major Gonçalves reanimou o moral das tropas, convidando-as a conjurar resignadamente os perigos.

Assim, no dia 30 iniciou-se a passagem do rio, o 20.º sendo o primeiro, a atravessal-o, seguido dos doentes, armas e munições, transportados em «pelotas», a 31 passando a artilharia, que apenas perdeu um canhão na operação, que, entretanto, foi salvo pelo soldado Damasio, eximio mergulhador. Transposto o rio, a columna avançou a 1 de Junho para Nioac, o capitão Pisaflores commandando a retaguarda, que os paraguayos, tambem transpondo o rio, vieram insistentemente hostilizando, se bem que sempre repellidos.

O capitão Rufino, que fazia a vanguarda, esbarrou inesperadamente com um destacamento paraguayo que não percebera a marcha da columna e que fugio espavorido, deixando parte do gado de que dispunha, o que foi grande alegria para a soldadesca, pois que o commandante mandou logo fazer a carnação, apezar de ser noite, os soldados transportando o resto da carne que não puderam comer.

Às 4 horas da manhã a columna fez alto, continuando uma chuva impertinente, proseguindo a marcha ás 6 horas e attingindo ás 3 da tarde a margem do Canindé, depois de um percurso de 45 kilometros.

Ao chegar á margem do Canindé, a columna encontrou o cadaver do conductor Appolinario, o que deu a certeza de haver sido saqueado o comboio que havia ficado em Machorra, como dissemos anteriormente.

Continuando ainda a marcha, a columna acampou a duas leguas apenas de Nioac, depois de ter passado por uma serie de destroços que eram visivelmente do comboio referido, e no dia seguinte avançou para Nioac, onde chegou as 3 horas, encontrando tudo devastado.

(Continúa)

Nito Val.